



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO**

***AS ORIENTAÇÕES CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO  
PRÉ-ESCOLAR NUM CONTEXTO DE SUPERVISÃO:***

***REPRESENTAÇÕES DAS EDUCADORAS COOPERANTES***

**ANEXOS**

**Olga Maria Teixeira Amaral Ludovico**

**Orientador: Prof. Doutor José Alberto Mendonça Gonçalves**

**Novembro de 2004**

## ERRATA

Na página 8, linha 3, onde se lê: "(Jager, W., 1995)", deve ler-se: "(Jaeger, W., 1995)".

Na página 12, linha 5, onde se lê: "A revolução industrial teve no desenvolvimento da educação", deve ler-se: "A revolução industrial teve impacto no desenvolvimento da educação".

Na página 24, no 3º parágrafo, linha 7, onde se lê: "com um certo domínio deste conhecimentos", deve ler-se: "com um certo domínio destes conhecimentos".

Na página 29, no 3º parágrafo, linha 4, onde se lê "(Milwanke)", deve ler-se: "(Milwaukee)".

Na página 34, por erro de computador, a frase: "Luis Barbosa (1997), considera essenciais a emergência de competências de teor mais específico, denominando o : Perfil do Educador de Infância, ao conjunto de competências que todo o educador de infância deve possuir: Um bom caracterizador da realidade educativa; "até "Um bom ajudante de superações de limites de execução; (pág.22)", está colocada indevidamente, pelo que não deve ser considerada nesta página.

Na página 38, no 1º parágrafo, linha 3, onde se lê: "s vão produzindo", deve ler-se: "se vão produzindo".

Na página 39, no 3º parágrafo, linha 1, onde se lê: "o consciente intelectual (Q.I.)", deve ler-se: "o quociente intelectual (Q.I.)".

Na página 51, no 2º parágrafo, linha 3, onde se lê: "dar-se uma dialéctica", deve ler-se: "dá-se uma dialéctica".

Na página 77, no 1º parágrafo, linha 3, onde se lê: "muitos autos definiram sensivelmente...", deve ler-se: "muitos outros definiram sensivelmente...".

Na página 98, linha 2, onde se lê: "Em certas situações de livre escolham, a pessoa...", deve ler-se: "Em certas situações de livre escolha, a pessoa...".

Na página 121, 1º parágrafo, linha 5, onde se lê: "2.O ajudado serve de espelho (facilitador)...", deve ler-se: "2. O ajudando serve de espelho (facilitador)...".

Na página 133, no 2º parágrafo, linha 7, onde se lê: "Estes comportamentos nada têm a haver com patologias.", deve ler-se: "Estes comportamentos nada têm a ver com patologias".

Na página 162, no 1º parágrafo, linha 2, onde se lê: "...tendo as educadoras, tendo os professores fornecido um vasto e variado corpo de dados.", deve ler-se: "...tendo as educadoras fornecido um vasto e variado corpo de dados.".

Na página 169, no 1º parágrafo, linha 5, onde lê : “ (ver anexo 1 e Quadro 13)”, deve ler-se: (ver anexo 2 e Quadro 13)”.

Na página 169, no 2º parágrafo, linha 8, onde se lê: “ na educação de infância estas duas vertentes (educativa e pedagógica) estão intimamente ligadas, ...”, deve ler-se: “ na educação de infância estas duas vertentes (pedagógica e educativa) estão intimamente ligadas...”.

Na página 180, no 1º parágrafo, linha 7, onde se lê: “cada criança possa reviver o seu mundo inteiro de forma desculpabilizada”, deve ler-se :”cada criança possa reviver o seu mundo interior de forma desculpabilizada”.

Na página 195, no 5º parágrafo, linha 1, onde se lê: “...está intimamente relacional com a anterior.”, deve ler-se : “...está intimamente relacionada com a anterior.”.

Na página 202, linha 1, onde se lê: “Subcategoria: **A relação educativa e pedagógica**”, deve ler-se : “ **Categoria: A relação educativa e pedagógica**”.

Na página 205, no 1º parágrafo, linha 3, onde se lê:” ...educadoras têm uma noção muito vaga deste conceito”, deve ler-se: “ ...as educadoras têm uma noção muito vaga deste conceito”.

Na página 207, onde se lê: “ Subcategoria: **Planificação das actividades educativas e pedagógicas**”, deve ler-se:” **Categoria: Planificação das actividades educativas e pedagógicas**”

Na página 208, 2º parágrafo, linha 1, onde se lê: “No caso da primeira subcategoria...”, deve ler-se : “ No caso da primeira subcategoria...”.

Na página 223, no 4º parágrafo, linha 6, onde se lê: “ ...a Figura 6 é uma proposta de actuação do educador...”, deve ler-se : “ a Figura 8 é uma proposta do educador...”.

## ÍNDICE DE ANEXOS

<b>Anexo I</b> – Guião de entrevista.....	2
<b>Anexo II</b> – Protocolo e tratamento dos dados da entrevista E1.....	11
Protocolo da entrevista E1.....	12
Primeiro tratamento da entrevista E1.....	26
Pré-categorização da entrevista E1.....	33
Grelha de categorização da entrevista E1.....	43
<b>Anexo III</b> – Protocolo e tratamento dos dados da entrevista E7.....	50
Protocolo da entrevista E7.....	51
Primeiro tratamento da entrevista E7.....	59
Pré-categorização da entrevista E7.....	66
Grelha de categorização da entrevista E7.....	76
<b>Anexo IV</b> – Análise de conteúdo (Quadro geral de comparação de dados).....	83



143899

## **ANEXO I**

---

### **Guião de Entrevista**

**GUIÃO DE ENTREVISTA**

- I. **TEMA:** Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
- II. **ENTREVISTADAS:** Educadoras Cooperantes do 3º ano da Licenciatura em Educação de Infância – Ano Lectivo 2001/2002
- III. **OBJECTIVO GERAL:** Conhecer as representações das educadoras de infância cooperantes acerca das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.

Designação dos blocos	Objectivos específicos	Formulário de questões	Observações
<p><b>A</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Legitimação da entrevista e motivação das entrevistadas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Legitimar a entrevista e motivar as entrevistadas</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Informar as entrevistadas sobre o trabalho em curso.</li> <li>• Informar acerca dos principais objectivos da entrevista.</li> <li>• Solicitar a colaboração das entrevistadas, que é fundamental para a consecução do estudo a realizar.</li> <li>• Garantir a confidencialidade das informações e o anonimato das entrevistadas.</li> <li>• Solicitar autorização para gravação áudio da entrevista.</li> <li>• Colocar à disposição das educadoras os resultados da investigação.</li> <li>• Agradecer a ajuda e a colaboração.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Duração: 5 minutos</li> </ul>

Designação dos blocos	Objectivos específicos	Formulário de questões	Observações
<p><b>B</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Acesso ao documento das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer o modo como as entrevistadas tiveram acesso ao documento das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar foram publicadas em Setembro de 1997 pelo Ministério da Educação / Departamento de Educação Básica (ME / DEB). Este documento corresponde à 3ª versão de um texto, cujas duas versões anteriores foram debatidas por diferentes intervenientes na Educação Pré-Escolar.</li> <li>• Conhecer se as educadoras participaram nesse processo de análise e debate, relativamente a alguma das versões da elaboração do documento.</li> <li>• Caso não tenham participado, conhecer quando e como tiveram acesso ao documento.</li> <li>• Conhecer a sua primeira impressão acerca desse documento.</li> <li>• Conhecer as necessidades e/ou dúvidas que esse mesmo documento lhes suscitou.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Duração: 20 minutos</li> </ul>

Designação dos blocos	Objectivos específicos	Formulário de questões	Observações
<p><b>C</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Formação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer o impacto da formação (inicial e/ou contínua) na compreensão das Orientações Curriculares</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• (*) Pedir para referir em que situações foram as Orientações Curriculares abordadas na formação inicial.</li> <li>• Conhecer se as entrevistadas tiveram acesso a formação contínua sobre as Orientações Curriculares e quais as repercussões desta na sua prática educativa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• (*) Educadoras em formação inicial no ano de 1996/97 e posteriores.</li> <li>• Introduzir questões de reforço que facilitem a obtenção de informação acerca             <ul style="list-style-type: none"> <li>- da modalidade de formação;</li> <li>- motivos que levaram à sua frequência;</li> <li>- o impacto dessa formação na compreensão das Orientações Curriculares;</li> <li>- Que mudanças provocou essa formação na prática pedagógica das entrevistadas.</li> </ul> </li> <li>• Duração: 20 minutos</li> </ul>

Designação dos blocos	Objectivos específicos	Formulário de questões	Observações
<p><b>D</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apreciação das Orientações Curriculares</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer como as educadoras de infância cooperantes percebem a importância e o papel das Orientações Curriculares</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Solicitar às educadoras cooperantes que refiram o que entendem por Orientações Curriculares.</li> <li>• Perguntas de reforço:             <ul style="list-style-type: none"> <li>- Qual a importância que atribuem ao documento?</li> <li>- Quais as principais consequências da sua aplicação?</li> <li>- As Orientações Curriculares na sua opinião trouxeram algo de novo? Se sim, o quê?</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Duração: 15 minutos</li> </ul>

Designação dos blocos	Objectivos específicos	Formulário de questões	Observações
<p><b>E</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Utilização das Orientações Curriculares</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Conhecer o impacto das Orientações Curriculares na prática pedagógica.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Solicitar às entrevistadas que refram os aspectos mais úteis para a sua prática pedagógica, como consequência do recurso e “aplicação” das Orientações Curriculares.</li> <li>Perguntas de reforço:             <ul style="list-style-type: none"> <li>Como operacionaliza as Orientações Curriculares?</li> <li>Com que frequência utiliza as Orientações Curriculares?</li> <li>O que é que mudou na sua prática, a partir da publicação e “utilização” das Orientações Curriculares?</li> <li>Encontra algum tipo de dificuldades em pôr em prática as Orientações Curriculares? Se sim, indique qual ou quais.</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Duração: 20 minutos</li> </ul>

Designação dos blocos	Objectivos específicos	Formulário de questões	Observações
<p><b>F</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Supervisão da prática pedagógica</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer que sentido a educadora atribui à supervisão.</li> <li>• Conhecer a relevância atribuída às Orientações Curriculares na prática pedagógica das alunas em formação inicial.</li> <li>• Conhecer o papel da educadora cooperante nesse processo.</li> <li>• Conhecer a importância que atribui às Orientações Curriculares no seu próprio processo de supervisão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Solicitar que refiram até que ponto as Orientações Curriculares são ou não um referente na prática pedagógica dos alunos em formação inicial, e qual o seu papel, como educadoras cooperantes, nesse processo.</li> <li>• Perguntas de reforço:             <ul style="list-style-type: none"> <li>- Refira o que entende por supervisão da prática pedagógica.</li> <li>- Quais os aspectos que mais valoriza no processo de supervisão?</li> <li>- Quais os aspectos em que sente mais dificuldade na supervisão da prática pedagógica?</li> <li>- Quais os aspectos/situações em que se sente mais segura como supervisora ?</li> </ul> </li> <li>• Pedir que perspectivem a sua acção como cooperantes no quadro definido pelas Orientações</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar no discurso da educadora cooperante indicadores relativos ao modo como a sua prática de supervisão pode influenciar e determinar o recurso às Orientações Curriculares ou é influenciada e/ou determinada pelas mesmas.</li> <li>• Duração: 10 minutos</li> </ul>

		<p>Curriculares.</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Pedir que comparem a sua prática de supervisoras antes e depois do surgimento das Orientações Curriculares.</li><li>- Solicitar que refram que aspectos se alteraram por influência das Orientações Curriculares.</li></ul>	
--	--	--	--

## **ANEXO II**

---

### **Protocolo e tratamento dos dados da entrevista E1**

## **ANEXO II**

---

### **Protocolo da entrevista E1**

**PROTOCOLO DA ENTREVISTA E1**

**Ent. - O Bloco B da entrevista é relativo ao acesso às Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar. Como sabes, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar foram publicadas em Setembro de 1997 pelo Ministério da Educação/ Departamento da Educação Básica (ME/DEB). Este documento corresponde à terceira versão de um texto, cujas duas versões anteriores foram debatidas por diferentes intervenientes na Educação Pré-escolar. O que eu gostaria de saber é se participaste nesse processo de análise e debate do documento relativamente a alguma das versões?**

**Ed. - Tive conhecimento na altura do curso. Pronto, já se falava...mas em termos do documento em si, do documento final não. Nem no final do curso [1997] sequer. Eu lembro-me de ver esse documento na Acção que fiz sobre as Orientações Curriculares.**

**Ent. - Então vamos lá ver... ouviste falar das Orientações Curriculares logo na formação inicial?**

**Ed. - É assim: o meu curso foi assim um bocado esquisito. Eu comecei o curso, depois interrompi no terceiro ano, durante dois anos e depois voltei para concluir. Portanto eu estive afastada e foi depois quando voltei para concluir o curso... aí já se falava...**

**Ent. - Lembras-te o que é que se dizia? O que é que vocês [alunas] achavam que era as Orientações Curriculares?**

**Ed. - Eu não sei... lembro-me que era... pronto...era quase um princípio segundo o qual nós nos poderíamos “reger”, quer dizer... uma coisa assim...**

**Ent. - Então, não tendo participado em nenhuma das fases de elaboração do documento, quando é que tiveste acesso ao documento?**

**Ed. - Portanto, eu acabei o curso em noventa e sete... falava-se, não é? Entre colegas... mas eu acabei por ter acesso depois, quando fiz...não sei se foi logo nesse ano, se foi no ano a seguir... porque muitas vezes dependendo do local onde estejas a trabalhar, de teres mais tempo ou não... muitas vezes nós trabalhamos tantas horas, que ainda ir mais à procura disso [formação]...e então acabei depois, porque queria saber realmente o que era, em que é que consistia... uma vez que era uma linha orientadora... depois inscrevi-me numa acção de formação de cinquenta horas sobre as Orientações Curriculares.**

**Ent. - Foi um Círculo de Estudos? Modalidade de Circulo de Estudos?**

**Ed.** – Foi através do Foco, não sei se será Prodep, mas foi cinquenta horas. Foi dado pela X e pela Y.

**Ent.** – **Sim, foi Círculo de Estudos.**

**Ed.** – Acho que sim.

**Ent.** – **E qual foi a tua primeira impressão acerca do documento?**

**Ed.** – A minha primeira impressão... acho que apesar de tudo o que está lá escrito, acho que é uma coisa leve. Pronto, é a minha opinião.

**Ent.** – **E aqui o que interessa é a tua opinião...**

**Ed.** – Nós olhamos e às vezes repetem-se determinadas coisas, mais à frente ou mais atrás, acaba por se estar a falar sempre um bocadinho do mesmo. Mas acho que, para já não é um programa em que nós temos que seguir ali tudo à risca. Trata-se de um documento bastante aberto com linhas orientadoras e a partir daquelas linhas, nós... depois “abrimos as portas” e podemos ir por um lado ou por outro.

**Ent.** – **E o que é que tu achas quanto ao facto de não ser um programa e serem Orientações Curriculares?**

**Ed.** – Acho que por um lado pode ser mais difícil para nós, no aspecto em que, por exemplo, pronto... o meu ponto de referência é o Primeiro Ciclo, que temos lá [no colégio], temos o primeiro Ciclo ali ao lado e elas têm aquele programa a cumprir e limitam-se muitas vezes a seguir o programa. Então, para nós pode ser mais difícil no aspecto em que temos que dar “asas à imaginação”, temos que inventar, às vezes, para tentar fazer sempre coisas diferentes dentro daquelas linhas orientadoras, mas, por outro lado... pronto, isto é a minha maneira de ver as coisas, eu como gosto de inventar e de criar, prefiro que seja assim. Nós realmente temos aquele ponto de referência, mas depois todo o resto fica ao nosso critério.

**Ent.** – **Avançámos um pouco na entrevista e ainda não te perguntei como é que foi o acesso ao documento das Orientações Curriculares? Adquiriste-o, ofereceram-te, foi na Acção de Formação?**

**Ed.** – Eu não cheguei a comprar o livro porque me deram as fotocópias nessa Acção.

**Ent.** – **Depois dessa primeira impressão que necessidades ou dúvidas é que o documento te suscitou?**

**Ed.** – Eu li o documento inicialmente e depois, se calhar, completamente nunca mais o li. Agora, sempre que tenho alguma dúvida vou às Orientações Curriculares. Às vezes chego lá e não vou ler novamente tudo, vou às questões que me preocupam, ou por exemplo, às vezes quando tenho dúvidas em relação a certos objectivos, se estão bem

enquadrados... vou às Orientações Curriculares onde os objectivos estão numa forma geral, mas vou para me situar um pouco ao nível da organização do ambiente [educativo], quer dizer, vou por situações pontuais, não quer dizer que vá ler sempre o documento completo.

**Ent. – E encontras resposta? O documento ajuda, ou não?**

**Ed. –** Às vezes não, precisamente por esse carácter que as Orientações Curriculares têm que é: dão-nos “dicas”, dão-nos um ponto de referência, mas não nos dão, às vezes, respostas concretas. Aquilo não é uma receita, nós às vezes gostaríamos que fosse...

**Ent. – Agora falando mais um pouco da formação, já vimos que frequentaste um Círculo de Estudos e, de certa forma, já respondeste que o que é te levou a frequentá-lo foi a vontade de querer saber mais sobre o documento, não foi?**

**Ed. –** Sim, e depois eu também acho que nós acabamos o curso, saímos com a teoria e depois chegamos à prática, confrontamos a teoria com a prática e às vezes não coincide muito bem. Por exemplo, eu acabei o curso sem nunca ter estagiado em creche e depois inicio a minha actividade precisamente em creche... e vamos sentindo certas dificuldades... Mas principalmente o que me levou a frequentar a Acção de Formação foi saber até que ponto é que a minha acção estava a ser desenvolvida correctamente com as crianças, uma vez que havia um princípio regulador, uma linha orientadora.

**Ent. – E achas que essa formação teve impacto na compreensão das Orientações Curriculares, ou seja, ajudou-te a perceber melhor aquele documento?**

**Ed. –** Eu penso que sim. Nós falámos sobre as Orientações Curriculares, lemos as Orientações Curriculares e depois acabámos por trabalhar em grupo e cada grupo fez um trabalho sobre determinada área [de conteúdo]. Eu penso que sim, eu acho que foi muito interessante. Nós [grupo de trabalho] acabámos por ficar com a área de conhecimento do mundo e fomos por aí...acho que estas experiências são sempre muito positivas. Desta forma também contactamos com a realidade das outras pessoas, trocamos ideias e aprendemos muita coisa neste tipo de acções.

**Ent. – Eu gostava de saber também que mudanças é que essa formação acerca das orientações Curriculares provocou na tua prática. Houve mudanças? Não houve mudanças? Se houve, o que é que mudou?**

**Ed. –** Eu acho que não houve muitas mudanças porque quando tive um maior conhecimento sobre as Orientações Curriculares, foi logo no início da minha actividade profissional e como tinha acabado o curso há pouco tempo, também ainda vinha com aqueles “sonhos cor de rosa” de que vamos mudar o mundo e às vezes chegamos à

prática, confrontamos e pronto, há certas coisas que não são como nós as víamos quando estávamos na formação inicial, mas eu penso que a partir do momento em que tomei conhecimento não tive que mudar assim muito porque eu acho que a minha forma de encarar este tipo de actividades e os trabalhos que eu fazia com as crianças, acho que já se enquadravam muito naquela perspectiva.

**Ent. – Quanto à apreciação das Orientações Curriculares, eu gostaria que me disseses o que entendes por Orientações Curriculares.**

**Ed. –** É aquilo que eu já disse até agora, são linhas... pronto, o ponto de partida para nós desenvolvermos o nosso trabalho. Enquanto no Primeiro Ciclo elas têm um currículo a cumprir, nós temos Orientações, quer dizer, são linhas por onde nos vamos seguir, por onde vamos iniciar e por onde nos devemos reger em termos de currículo.

**Ent. – Que importância é que atribuis às Orientações curriculares?**

**Ed. –** É a tal coisa...quer dizer, por um lado não nos dá as “receitas” que muitas vezes nós gostaríamos que nos desse, mas atribuo-lhe uma importância muito grande, na medida em que, quando planifico, quando preparo as actividades e as semanas, estou sempre a pensar em termos de Orientações Curriculares – se as coisas se enquadram -, e daí acho que são de grande importância.

**Ent. – E quais são, do teu ponto de vista, as principais consequências da sua aplicação?**

**Ed. –** Eu acho que, no fundo, as consequências da aplicação é nós conseguimos atingir a maior parte dos objectivos que lá vêm. É claro que há sempre diferenças, mas o mundo é feito de diferenças. Muitas vezes há crianças que não chegam lá, mas isso muitas vezes depende de outros factores. Eu acho que em termos de consequências, as melhores consequências serão essas – nós conseguimos atingir os objectivos que lá vêm propostos.

**Ent. – As Orientações Curriculares, na tua opinião, trouxeram algo de novo?**

**Ed. –** Eu acho que a principal novidade das Orientações curriculares é mesmo a questão da multiculturalidade, da sensibilização para as diferenças e para a globalização, e que já vêm lá implícitas. Embora seja uma coisa que se fale mais agora nestes últimos tempos, penso que a questão da escola para todos... penso que a principal novidade acaba por ser essa.

**Ent. – Quais os aspectos mais úteis para a tua prática pedagógica como consequência do recurso e aplicação das Orientações Curriculares?**

**Ed.** – Se calhar... talvez em termos de preparação, planificação. Pronto, eu, por enquanto, ainda só estive em duas realidades e nenhuma delas foi o ensino público. Muitas vezes nos debatemo-nos com o problema tempo, porque acabamos por trabalhar muitas horas, mas sem tempo para planificar e depois acaba por ter de ser tudo feito em casa e é muito complicado, porque quando se trabalha sete horas, ou mais, no directo e depois... pronto nós ali [na instituição onde trabalha] temos uma actividade sempre, sempre constante, quer na sala, quer fora da sala, em termos de instituição e muitas vezes as planificações... Eu por acaso o ano passado fazia planificações semanais e havia semanas que eu não conseguia fazer-las e depois debatia-me... Este ano mudei de estratégia. Agora o que eu vejo nas Orientações, é a tal coisa... eu faço as planificações, tenho como suporte as Orientações Curriculares, mas mesmo que seja uma planificação mais geral, se nós tivermos minimamente presente o que as Orientações Curriculares nos dizem, acho que é mais fácil, às vezes, em certos momentos, dinamizar, organizar, mesmo quando não temos, por exemplo, uma planificação diária ou uma planificação semanal que está organizada e chegamos ali... Por exemplo, eu este ano optei por uma planificação mensal. Só que com uma planificação mensal nós não temos ali tudo escrito ao dia. Mas este ano, pelo menos, consigo fazer-las. Planifico mensalmente. Depois surgem coisas que não estão na planificação, mas que se integram nas Orientações Curriculares e eu vou gerindo as coisas assim. Acho que um dos grandes aspectos positivos das Orientações curriculares é o facto de nos darem uma grande margem de manobra. Este ano é o primeiro que planifico mensalmente, até aqui planificava semanalmente, só que o que acontecia é que havia semanas que não conseguia, por algum motivo, e depois passava ... e na outra semana a seguir eu já não conseguia. Agora faço diferente, é uma planificação mensal, há muita coisa que não está lá, mas tenho ali aquele suporte, aquele ponto de referência. Às vezes surgem coisas totalmente diferentes, mas sinto que temos essa margem de manobra e isso é muito positivo, principalmente no pré-escolar.

**Ent.** – **Eu também acho que é importante o educador ter aquela planificação que é flexível, que está minimamente organizada, mas, ter também a capacidade de seguir os interesses e necessidades das crianças, porque as Orientações Curriculares permitem isso...**

**Ed.** – Exactamente

**Ent.** – **De certa forma tu já respondeste à questão que se segue, mas de qualquer forma eu vou colocá-la, podes querer acrescentar ou completar alguma coisa ao**

**que já foi dito: como operacionalizas as Orientações Curriculares? Já explicaste que as tens como referência, mas como é que passas da teoria à prática?**

Ed. - Na parte da avaliação, faço avaliação com as crianças, faço a minha avaliação, na medida do possível, porque às vezes é impossível. Eu gostaria mesmo de ter mais tempo para fazer determinadas coisas... até criar uma espécie de uma “ficha” onde as crianças pudessem avaliar também o processo. Avaliamos entre educadores também... por exemplo, na parte do desenrolar do Projecto Curricular de Sala está tudo muito em aberto, porque as crianças, muitas vezes, são elas que conduzem. Eu como tenho um grupo de cinco anos, faço uma coisa que gosto imenso de fazer que é planificar com eles. Gosto muito e quando os grupos estão incentivados, tu não tens trabalho nenhum, parece que eles estão dentro da tua cabeça e sabem aquilo que tu estás a pensar fazer.

**Ent. – Falaste em Projecto Curricular de Sala – fizeram-no tendo como referência as Orientações Curriculares?**

Ed. – Sim.

**Ent. – À questão: Com que frequência utiliza as Orientações Curriculares? – Qual a tua resposta?**

Ed. – Muito frequentemente.

**Ent. – O teu início na carreira coincidiu com a publicação das Orientações Curriculares, no entanto, achas que houve mudanças na tua prática a partir da publicação e utilização das Orientações Curriculares?**

Ed. – Penso que não houve grande mudança porque a minha atitude em termos do pré-escolar já era mais ou menos essa.

**Ent. – Encontras algum tipo de dificuldade em pôr em prática as Orientações Curriculares.**

Ed. – Eu penso que não. É a tal coisa, às vezes nós estamos à espera que haja uma receita qualquer e as Orientações Curriculares não são muito abrangentes. Eu gosto de ter uma margem de manobra. Pronto, nós sabemos que temos aquelas linhas por onde nos devemos orientar e a partir daí...

**Ent. – Em relação à supervisão da prática pedagógica, eu gostava que tu referisses até que ponto as orientações Curriculares, são, ou não, um referente na prática pedagógica dos alunos em formação inicial e qual o teu papel nesse processo?**

Ed. – Eu penso que também pode variar de estagiária para estagiária, mas eu senti as estagiárias [do ano passado] um pouco “verdes” e quando eu digo isto é também em termos de Orientações Curriculares. Não sei qual o acesso que elas têm às Orientações

Curriculares, nem o conhecimento que têm desse documento, mas pronto, elas não planificavam, ou pelo menos não mostravam. Não havia aquele trabalho contínuo que eu acho que tem de haver entre educadora cooperante e estagiárias. Da minha parte... eu tive estagiárias no 1º semestre, depois houve uma que desistiu, a outra mudou e depois, no segundo semestre, eu fui dar apoio às estagiárias da Z, porque ela entrou de licença de parto. Não foi, portanto, um estágio normal, mas pelo menos, uma coisa eu acho: elas estavam “abertas” e embora pudessem não estar muito “por dentro” das Orientações Curriculares, sempre que propunham alguma actividade tentavam tê-las em conta, porque eu acho que mesmo em termos de formação inicial, a postura dos professores também parte das Orientações Curriculares e então eu penso que as actividades que elas propuseram estavam integradas nas Orientações Curriculares. Quando por algum motivo havia algo que ia contra, ou pelo menos não ia tão a favor... também lá estava o nosso papel de educadoras cooperantes, para alertá-las e ajudá-las naquilo que fosse preciso. Mas pronto, penso que de uma forma implícita que estavam lá as Orientações Curriculares.

**Ent. – Tu tinhas esse cuidado de ver quando elas se estavam a afastar do que era pretendido na prática?**

**Ed. –** Exactamente. Por exemplo eu lembro-me que aconteceu uma actividade em que elas traziam bolas de pingue pongue para as crianças pintarem com tinta, para pôr na Árvore de Natal, as crianças eram vinte seis ou vinte sete, e elas não traziam o número de bolas suficiente para as crianças... e nós, se nos regemos pelas Orientações, sabemos que temos que dar a mesma oportunidade, da mesma forma a todas as crianças. E pronto, eu tentava alertá-las, chamá-las à atenção e principalmente que elas compreendessem o porquê, porque é que deveriam ter em conta todas as crianças. Nós não podemos pensar: “*se faltar... faltou... e a criança não sente nada*”, não elas sentem, são seres humanos como nós - isto é um exemplo.

**Ent. – Já que estamos a falar de supervisão... talvez me pudesses dizer o que entendes por supervisão da prática pedagógica...**

**Ed. –** O que eu entendo por supervisão? Pois... existe uma prática pedagógica que está a ser realizada por uma ou várias alunas e eu acho que a supervisão consiste em nós estarmos lá, presentes ou não, porque às vezes convém libertarmos um pouco as estagiárias da nossa presença por curtos períodos de tempo. É benéfico, porque dá-lhes autonomia e às vezes dá-lhes outra coragem e outra vontade perante as coisas. Eu acho

que a supervisão é estar lá, é esclarecer quando fizer falta, é criticar quando fizer falta, embora construtivamente... é estar lá e ajudar naquilo que for preciso.

**Ent. – Quais são então os aspectos que tu mais valorizas no processo de supervisão?**

**Ed. –** Os aspectos que eu mais valorizo? É assim... em relação à prática delas o aspecto mais importante para mim é a relação que elas têm com as crianças. Porque os conteúdos são importantes, mas isso não é tudo. Elas tem que ganhar essa experiência, essas noções pelo resto da vida delas, agora a relação afectiva com as crianças é muito importante, porque ou se tem ou não se tem... ou nós gostamos realmente, mostramos aquilo que somos e entregamo-nos às crianças, ou então muitas vezes vamos andar ali “a fazer um frete” só por fazer. Para mim o aspecto mais importante é esse. Claro que há outros, muitos outros importantes... Nós também temos que saber... mas pronto, temos que saber “estar com” e isso é o mais importante.

**Ent. – Falaste da questão da relação, da afectividade para com as crianças... E em relação à supervisora, à educadora cooperante e à estagiária e que tipo de relação valorizas?**

**Ed. –** Valorizo muito essa boa relação que a educadora deve ter com a estagiária. Enquanto fui estagiária tive várias educadoras cooperantes e de todas elas, a última educadora cooperante foi a única que chegou ao pé de mim e me disse: *“estão aqui as minhas planificações, não sei se são boas, se são más... são as minhas. Eu não sei tudo, mas naquilo que puder ajudar... estou cá para isso”* e isso para mim foi muito importante, porque até aí nunca tinha acontecido. Nós que não sabíamos fazer planificações – sabíamos o que nos ensinavam na escola -, mas tínhamos aquelas dúvidas todas, aqueles medos, aqueles receios... e depois chegamos lá “apanhamos” uma educadora cooperante a quem temos de pedir, se quisermos... e às vezes até não há essa disponibilidade, porque só a partir de algum tempo para cá é que se fala de planificações e em projectos, porque isso até aqui foi uma utopia. Eu acabei o meu curso e comecei a trabalhar e tudo isso me fazia muita confusão. Mas eu comecei a trabalhar e... projectos? – nunca foi preciso nada disso. Planificações também não exigiam. Eu comecei a fazer para me orientar, porque não me exigiam nada disso. Ora o que é que acontece? – nós começamos a exercer a nossa profissão e com o decorrer dos anos pensamos *“logo fazemos...”* e aquilo fica para trás. Até que algum dia temos que fazer e é muito complicado. Para já porque mesmo no meu curso quando se falava aquilo parecia uma fantasia, porque na realidade a não ser no público – e muitas vezes

também porque houve alguém que já fez e a outra vai a seguir e agarra no projecto, muda ali umas coisinhas... porque isto é o que eu penso que é a realidade... é a tal coisa, nós conversamos com muita gente e sabemos como as coisas funcionam. Eu por exemplo, este ano, foi o primeiro ano que eu fiz um projecto como deve ser, penso eu. Por acaso perguntei à educadora do apoio que vai lá e também trabalha no oficial – porque eu sou assim, quando tenho dúvidas pergunto... pergunto a toda a gente. Então disse-lhe: *“Olha, dá lá uma vista de olhos, dá-me lá a tua opinião”* e ela disse-me: *“Mas tu pensas que as pessoas fazem isso tudo como tu tens aí? Não, é uma coisa muito mais simples”*. Eu não sei se está muito bem ou muito mal, mas pelo menos tenho as coisas organizadas. Fiz e acho que daqui para a frente vai ser muito mais fácil, porque dá-me segurança. Pronto, estávamos a falar da relação com as estagiárias e já vamos aqui, mas eu dou muito valor a isso [à relação], porque no meu último estágio tive uma relação muito boa com a educadora, não quer dizer que tenha sido má com as outras educadoras, mas ela pôs-me tão à vontade, que eu nunca tive receio em colocá-lhe uma dúvida. Ela ajudou-me naquilo em que foi preciso e foi isso que eu tentei fazer com as estagiárias na minha sala. Porque eu acho que se as estagiárias chegam ao local de estágio e vêem a educadora como “um bicho de sete cabeças” que está ali para as criticar, ver o que fazem mal e o que fazem bem...elas próprias fecham-se numa concha e nós não queremos isso, não é? Então acho que é muito importante a boa relação entre a educadora e a estagiária. Eu tentei fazer aquilo que estive ao meu alcance para atingir esse objectivo.

**Ent. – E quais são os aspectos em que sentes mais dificuldades na supervisão da prática pedagógica?**

**Ed. –** Os aspectos em que tive mais dificuldades? Foi no aspecto... foi nas estagiárias... em me passarem a informação que lhes era dada na escola. Foi o que levou a que muitas vezes tivessem acontecido situações quase de desconfiança. Aconteceu elas aparecerem com uma folhinha a perguntarem qual era o projecto, o que é que se ia desenvolver dali para a frente...e eu e a minha colega (elas eram estagiárias dela, mas eu iria segui-las e respondemos em conjunto) e então, numa reunião a que viemos depois cá à ESE para educadoras cooperantes, chegámos à conclusão que aquilo era algo para elas terem feito e que a ficha delas até estava lá, só que não era a que nós tínhamos preenchido. Estava passada com a letra delas. Pronto, nós sentimo-nos um pouco enganadas. Depois falámos com elas, juntámo-nos e perguntámos o que é que tinha acontecido, onde elas disseram que entenderam mal, só que depois de terem conversado com as outras colegas

já não tiveram tempo para nos dizer. Mas eu acho que a informação e aquilo que se pretende da ESE é importante chegar até nós. Nós depois falámos com elas dissemos que éramos amigas delas e que estávamos lá para ajudá-las e sempre que elas não percebessem alguma coisa para tentarem esclarecer junto do professor, para também não nos induzir em erro. Porque se aquilo devia ser um trabalho delas... é claro que nós estávamos lá para ajudá-las e tínhamos dito a mesma coisa. Aquilo que nós fizemos, tínhamos dito a elas... Nós estamos lá para ajudá-las. Agora, quer dizer... nesse aspecto acho que foi uma dificuldade.

**Ent. – Mas achas que essa dificuldade em relação à informação tem a ver com questões de comunicação da parte das alunas, ou poderá ser também da parte da ESE? Sentes que a ESE deveria informar mais?**

**Ed. –** É assim, eu como não tenho modelos de comparação porque só tive aquelas estagiárias é um pouco difícil comparar... mas penso que se calhar foi em relação a elas... não sei porque não tenho termo de comparação.

**Ent. – Gostaria que perspectivasses a tua acção como cooperante no quadro definido pelas Orientações Curriculares.**

**Ed. –** Quando elas nos apresentam uma actividade ou quando estão a fazer qualquer coisa nós acabamos sempre por estar... porque isto tem a ver com as Orientações Curriculares e com a formação em geral, não é? Porque por exemplo eu lembro-me que elas tiveram a trabalhar “a horta”, com os meninos - “os animais da horta”- e lembro-me que uma delas fala de um coelho como um animal da horta, porque falou das cenouras – o coelho come cenouras -, também não é bem assim, não é? Muitas vezes é por telefone [que trocam impressões acerca das actividades], porque por algum motivo elas não tinham conseguido preparar logo a actividade para a véspera ou para o dia, ou pelo menos, falar dela. Tinham pensado na actividade e muitas vezes essa actividade não é discutida no dia anterior e então muitas vezes acaba por ser por telefone e eu também como gosto de ter essa margem de manobra, também não gosto de limitar as estratégias. É claro que, muitas vezes, quando elas nos pediam ajuda nós dávamos sugestões. Eu gosto de dar sugestões. Só que não vou dizer “*façam isto, isto e isto...*” senão isto não é supervisão, é estar a fazer o trabalho delas. Muitas vezes davam-se ideias mas depois deixávamos um pouco ao critério delas. E elas então diziam “*relacionado com este assunto ainda vamos pensar melhor e depois levamos qualquer coisa*”, e muitas vezes não íamos a tempo de corrigi-las antes de elas estarem a desenvolver a actividade com a criança, porque também não queríamos estar a interromper, nem dizer “*não isso não é*

*assim*”, porque as crianças ficam baralhadas, mas depois, no fim, quando reflectíamos em conjunto, tinha de ser, porque nós temos de ter muito cuidado com aquilo que dizemos, porque para já as crianças “apanham tudo” e ficam com a imagem de que o coelho é um animal da horta e nós sabemos que não é. Pode haver um coelho na horta, mas também não anda lá assim... E em relação a essa questão é isso, a pessoa acaba sempre por agarrar nas Orientações e tentar ver o que é que está bem e o que poderia estar melhor.

**Ent. – Tu enquanto educadora cooperante, tens sempre como referência as Orientações Curriculares nas diferentes fases do processo de supervisão?**

**Ed. –** Eu não consigo desligar-me das Orientações Curriculares porque elas já estão dentro de mim... elas estão cá dentro e em relação ao que faço já não preciso de dizer “*estou a fazer com base nas Orientações Curriculares*” porque isso já está tão interiorizado, que quando dou uma opinião, sugiro uma actividade ou qualquer outra coisa, no fundo eu sei que vai tudo lá dar.

**Ent. – Não sei se queres acrescentar mais alguma coisa que te apeteça dizer em relação ao que estivemos aqui a conversar e que eu não tenha perguntado, ou não tenhas tido oportunidade de referir...**

**Ed. –** Acho que acrescentar mais alguma coisa é repetir-me um pouco. Mas acho que é importante termos as Orientações Curriculares porque faz falta, porque se não tivéssemos qualquer coisa onde nos pudéssemos “agarrar”, acho que o nosso trabalho ia era assim muito na “*corda bamba*”. Quer dizer, nós podemos mesmo com as Orientações Curriculares trabalhar com as crianças abordando todos os temas, porque estamos sempre dentro das Orientações Curriculares, agora o que muda é a forma como o vamos fazer, como vamos abordar esses temas, os objectivos que temos...

**Ent. – Achas que em termos de imagem da Educação pré-escolar e do educador na sociedade, as Orientações Curriculares poderão ter ajudado?**

**Ed. –** Sim, eu penso que sim, acho que quanto mais não seja, para termos qualquer coisa onde nos agarrarmos, porque infelizmente hoje em dia há pessoas que vêem o pré-escolar como o local onde as crianças ficam enquanto os pais vão trabalhar. E agora a propósito disto, acho interessante, por exemplo o que acontece na sala dos cinco, seis anos, a maior parte dos pais ou não se interessam por nada, ou então interessam-se quando é que os filhos vão começar a ler e a escrever. Eu acho que é importante, realmente, sensibilizar para a leitura e para a escrita, mas de uma forma lúdica, pela qual eles se interessem. Os pais querem ver letras na parede e isso não é preciso. Eu, por

exemplo, faço muitos registos na parede e depois dou comigo a ouvir as crianças: “Olha vêes ali tem a letra do meu nome... ali está um L...”, e não é preciso nós estarmos a ensinar a ler, ou as letras formalmente, porque eles...pronto, isto é um processo. Por acaso esta semana eu estava a falar com a Directora do colégio porque um pai estava preocupado com a filha, porque achava que ela não era como os outros da sala. Depois estive a falar com a Directora e disse-lhe que essa criança é como os outros, mas tal como todas as outras crianças da sala é diferente. Todas elas são diferentes, agora ela pode ser mais fraca em determinadas áreas, mas há outros que são mais fracos noutras áreas. É assim, nós não queremos que todas as crianças saiam dali como os melhores que nós lá temos. Mas também é normal os pais terem esta preocupação, mas nós não vamos querer que todos eles saibam as letras, que todos saibam ler... porque há crianças que, em casa, têm esse tipo de preparação... Foi com base nessa conversa, que ela disse que para o ano (nós no início do ano fazemos uma reunião geral com os pais do 1º Ciclo e Pré-Escolar) era importante dividi-los, para os pais perceberem realmente quais são os objectivos do pré-escolar, e mais uma vez, lá estão as Orientações Curriculares porque a maior parte dos pais nunca ouviu falar em Orientações Curriculares – Orientações Curriculares, que é isso? E então é importante porque tem havido reuniões... eu, por exemplo, fiz uma reunião há pouco tempo, onde estive a explicar o projecto e o que é que ia fazer com eles [crianças], mas é importante haver no início do ano – porque há crianças novas e novos encarregados de educação -, para explicar realmente o que são e o que se pretende com as Orientações Curriculares.

**Ent. – E o que o educador faz com as crianças e porque é que faz, não é?**

**Ed. –** Exactamente. Porque custa muito ouvir, como eu ouvi de um pai: “*A minha filha como é que está?*” e eu respondi: “*A sua filha, por acaso, evoluiu muito*”, porque no início os pais mostravam uma preocupação muito grande com as letras, a criança era muito calma e bem comportada e eu fiz uma imagem que aquela criança vinha muito estimulada, e não vinha. A criança ao nível do desenho representava pouco mais que o girino. Fazia uma figura humana muito rudimentar e entretanto, a criança desenvolveu muito e eu disse: “*A sua filha ao nível do desenho teve um bom desenvolvimento e não só...*” mas lembrei-me de começar a falar do desenho e responde-me o pai assim: “*Pois, isto o pré-escolar são só desenhos*”. Eu não consegui ficar calada, tive que elucidar o senhor e disse-lhe: “*O pré-escolar não é só desenhos, mas mesmo que fossem só desenhos, fique o senhor a saber que é o desenho que leva à escrita*”. Mostram uma

preocupação tão grande com a escrita, mas depois não percebem que uma coisa “tão banal” como o desenho é que vai levar à escrita . Depois eu disse-lhe: *“E digo-lhe que o desenho é muito importante, porque no desenho eles fazem os grafismos todos que levam à escrita, mas digo-lhe mais, o pré-escolar não é só desenhos, mas que o desenho tenha uma importância tão grande, porque às vezes, mais importante que o desenho, são os conceitos, os conteúdos, as noções que eles aprendem e que muitas vezes nem são com os desenhos, são com as conversas, são com o envolvimento deles em determinadas actividades”* e depois o senhor sentiu-se na obrigação de me pedir desculpa.

**Ent. – E nós educadoras temos essa tarefa bastante grande que é passar para o exterior o que, de facto, é o pré-escolar.**

**Ed. –** Porque para muita gente o pré-escolar é estar ali, enquanto vão trabalhar e enquanto não chega a altura de entrar para escola... Acabei.

**Ent. – Acabámos?! Muito obrigada.**



## **ANEXO II**

---

### **Primeiro tratamento da entrevista E1**

**PRIMEIRO TRATAMENTO DA ENTREVISTA E1**

[Conhecimento do documento das Orientações Curriculares] (...) *Tive conhecimento na altura do curso. Pronto, já se falava...mas em termos do documento em si, do documento final não. Nem no final do curso [1997] sequer. Eu lembro-me de ver esse documento na Acção que fiz sobre as Orientações Curriculares (...).*

[Primeira impressão acerca do documento] (...) *Eu não sei... lembro-me que era... pronto...era quase um princípio segundo o qual nós nos poderíamos “reger”, quer dizer... uma coisa assim (...).*

[Acesso ao documento] (...) *Portanto, eu acabei o curso em noventa e sete... falava-se (...). Entre colegas... (...) queria saber realmente o que era, em que é que consistia... uma vez que era uma linha orientadora (...) inscrevi-me numa acção de formação de cinquenta horas sobre as Orientações Curriculares (...)*

[Formação contínua acerca das Orientações Curriculares] (...) *Foi através do Foco, não sei se será Prodep, mas foi cinquenta horas (...).*

(...) *A minha primeira impressão...[acerca do documento] acho que apesar de tudo o que está lá escrito, acho que é uma coisa leve (...).*

[Ideia geral acerca do documento] (...) *Nós olhamos e às vezes repetem-se determinadas coisas, mais à frente ou mais atrás, acaba por se estar a falar sempre um bocadinho do mesmo. Mas acho que, para já não é um programa em que nós temos que seguir ali tudo à risca. Trata-se de um documento bastante aberto com linhas orientadoras e a partir daquelas linhas, nós... depois “abrimos as portas” e podemos ir por um lado ou por outro (...).*

(...) *Nós realmente temos aquele ponto de referência, mas depois todo o resto fica ao nosso critério (...).*

[Acesso ao documento das Orientações Curriculares] (...) *Eu não cheguei a comprar o livro porque me deram as fotocópias nessa Acção (...).*

[Necessidades ou dúvidas é que o documento suscitou] (...) *Eu li o documento inicialmente e depois, se calhar, completamente nunca mais o li. Agora, sempre que tenho alguma dúvida vou às Orientações Curriculares. Às vezes chego lá e não vou ler novamente tudo, vou às questões que me preocupam, ou por exemplo, às vezes quando tenho dúvidas em relação a certos objectivos, se estão bem enquadrados... vou às Orientações Curriculares onde os objectivos estão numa forma geral, mas vou para me situar um pouco ao nível da organização do ambiente [educativo], quer dizer, vou por situações pontuais, não quer dizer que vá ler sempre o documento completo (...).*

(...) *Às vezes não [dá resposta às dúvidas e necessidades], precisamente por esse carácter que as Orientações Curriculares têm que é: dão-nos “dicas”, dão-nos um ponto de referência, mas não nos dão, às vezes, respostas concretas. Aquilo não é uma receita (...)*

[Motivos que levaram à frequência do círculo de estudos] (...) *Sim, [foi a vontade de querer saber mais sobre o documento] (...) Mas principalmente o que me levou a frequentar a Acção de Formação foi saber até que ponto é que a minha acção estava a ser desenvolvida correctamente com as crianças, uma vez que havia um princípio regulador, uma linha orientadora (...)*

[Impacto da formação na compreensão das Orientações Curriculares] (...) *Eu penso que sim (...). Eu penso que sim, eu acho que foi muito interessante. (...) acho que estas experiências são sempre muito positivas,. Desta forma também contactamos com a realidade das outras pessoas, trocamos ideias e aprendemos muita coisa neste tipo de acções (...).*

[Impacto da formação na prática pedagógica ] (...) *Eu acho que não houve muitas mudanças (...) quando tive um maior conhecimento sobre as Orientações Curriculares, foi logo no início da minha actividade profissional (...) eu penso que a partir do momento em que tomei conhecimento não tive que mudar assim muito porque eu acho*

---

*que a minha forma de encarar este tipo de actividades e os trabalhos que eu fazia com as crianças, acho que já se enquadravam muito naquela perspectiva (...).*

*[Acerca da definição de Orientações Curriculares] (...) É aquilo que eu já disse até agora, são linhas... pronto, o ponto de partida para nós desenvolvermos o nosso trabalho. (...) quer dizer, são linhas por onde nos vamos seguir, por onde vamos iniciar e por onde nos devemos reger em termos de currículo (...).*

*[Importância atribuída ao documento] (...) por um lado não nos dá as “receitas” que muitas vezes nós gostaríamos que nos desse, mas atribuo-lhe uma importância muito grande (...) quando planifico, quando preparo as actividades e as semanas, estou sempre a pensar em termos de Orientações Curriculares – se as coisas se enquadram -, e daí acho que são de grande importância (...).*

*(...) no fundo, as consequências da aplicação é nós conseguimos atingir a maior parte dos objectivos que lá vêm. (...). em termos de consequências, as melhores consequências serão essas – nós conseguimos atingir os objectivos que lá vêm propostos (...).*

*(...) Eu acho que a principal novidade das Orientações curriculares é mesmo a questão da multiculturalidade, da sensibilização para as diferenças e para a globalização, e que já vêm lá implícitas. Embora seja uma coisa que se fale mais agora nestes últimos tempos, penso que a questão da escola para todos... penso que a principal novidade acaba por ser essa (...).*

*[Aspectos mais úteis para a prática pedagógica] (...) Se calhar... talvez em termos de preparação, planificação. (...) eu faço as planificações, tenho como suporte as Orientações Curriculares, (...) mesmo que seja uma planificação mais geral, se nós tivermos minimamente presente o que as Orientações Curriculares nos dizem, acho que é mais fácil, às vezes, em certos momentos, dinamizar, organizar, (...) Depois surgem coisas que não estão na planificação, mas que se integram nas Orientações Curriculares e eu vou gerindo as coisas assim. Acho que um dos grandes aspectos positivos das Orientações curriculares é o facto de nos darem uma grande margem de manobra (...).*

[Acerca do modo como operacionaliza as Orientações Curriculares] (...) *Na parte da avaliação, faço avaliação com as crianças (...). Eu como tenho um grupo de cinco anos, faço uma coisa que gosto imenso de fazer que é planificar com eles. Gosto muito (...).*

(...) *Sim [o projecto curricular de sala foi feito tendo como referência as Orientações Curriculares] (...).*

[Frequência com que usa as Orientações Curriculares] (...) *Muito frequentemente.*

[Mudanças na prática a partir da publicação e utilização das Orientações Curriculares] (...) *Penso que não houve grande mudança porque a minha atitude em termos do pré-escolar já era mais ou menos essa (...).*

[Dificuldades em pôr em prática as Orientações Curriculares] (...) *Eu penso que não. (...) às vezes nós estamos à espera que haja uma receita qualquer e as Orientações Curriculares não são muito abrangentes. Eu gosto de ter uma margem de manobra. Pronto, nós sabemos que temos aquelas linhas por onde nos devemos orientar e a partir daí (...).*

[Nível de conhecimento que as estagiárias têm acerca das Orientações Curriculares] (...) *Eu penso que também pode variar de estagiária para estagiária, mas eu senti as estagiárias [do ano passado] um pouco “verdes” e quando eu digo isto é também em termos de Orientações Curriculares. Não sei qual o acesso que elas têm às Orientações Curriculares, nem o conhecimento que têm desse documento (...). e embora pudessem não estar muito “por dentro” das Orientações Curriculares, sempre que propunham alguma actividade tentavam tê-las em conta, porque eu acho que mesmo em termos de formação inicial, a postura dos professores também parte das Orientações Curriculares e então eu penso que as actividades que elas propuseram estavam integradas nas Orientações Curriculares. Quando por algum motivo havia algo que ia contra, ou pelo menos não ia tão a favor... também lá estava o nosso papel de educadoras cooperantes, para alertá-las e ajudá-las naquilo que fosse preciso. (...) penso que de uma forma implícita que estavam lá as Orientações Curriculares (...).*

*(...) se nos regemos pelas Orientações, sabemos que temos que dar a mesma oportunidade, da mesma forma a todas as crianças. (...) eu tentava alertá-las, chamá-las à atenção e principalmente que elas compreendessem o porquê, porque é que deveriam ter em conta todas as crianças (...).*

*(...) O que eu entendo por supervisão? Pois... existe uma prática pedagógica que está a ser realizada por uma ou várias alunas e eu acho que a supervisão consiste em nós estarmos lá, presentes ou não, porque às vezes convém libertarmos um pouco as estagiárias da nossa presença por curtos períodos de tempo. É benéfico, porque dá-lhes autonomia e às vezes dá-lhes outra coragem e outra vontade perante as coisas. Eu acho que a supervisão é estar lá, é esclarecer quando fizer falta, é criticar quando fizer falta, embora construtivamente... é estar lá e ajudar naquilo que for preciso (...).*

*(...) Os aspectos que eu mais valorizo? (...) em relação à prática delas o aspecto mais importante para mim é a relação que elas têm com as crianças. Porque os conteúdos são importantes, mas isso não é tudo. (...) agora a relação afectiva com as crianças é muito importante (...) Para mim o aspecto mais importante é esse. Claro que há outros, muitos outros importantes... Nós também temos que saber... mas pronto, temos que saber “estar com” e isso é o mais importante (...).*

*(...) Valorizo muito essa boa relação que a educadora deve ter com a estagiária.*

*(...) mas eu dou muito valor a isso [à relação educadora/estagiária] (...) Então acho que é muito importante a boa relação entre a educadora e a estagiária. Eu tentei fazer aquilo que estive ao meu alcance para atingir esse objectivo (...).*

*(...) Os aspectos em que tive mais dificuldades? Foi no aspecto... foi nas estagiárias... em me passarem a informação que lhes era dada na escola (...)*

*(...) eu acho que a informação e aquilo que se pretende da ESE é importante chegar até nós. (...) nesse aspecto acho que foi uma dificuldade (...).*

*(...) Muitas vezes é por telefone [que trocam impressões acerca das actividades]. (...) muitas vezes essa actividade não é discutida no dia anterior e então muitas vezes acaba*

---

*por ser por telefone e eu também como gosto de ter essa margem de manobra, também não gosto de limitar as estratégias. É claro que, muitas vezes, quando elas nos pediam ajuda nós dávamos sugestões. Eu gosto de dar sugestões. Só que não vou dizer “façam isto, isto e isto...” senão isto não é supervisão, é estar a fazer o trabalho delas. Muitas vezes davam-se ideias mas depois deixávamos um pouco ao critério delas. E elas então diziam “relacionado com este assunto ainda vamos pensar melhor e depois levamos qualquer coisa” (...) E em relação a essa questão é isso, a pessoa acaba sempre por agarrar nas Orientações e tentar ver o que é que está bem e o que poderia estar melhor (...).*

*(...) Eu não consigo desligar-me das Orientações Curriculares porque elas já estão dentro de mim... elas estão cá dentro e em relação ao que faço já não preciso de dizer “estou a fazer com base nas Orientações Curriculares” porque isso já está tão interiorizado, que quando dou uma opinião, sugiro uma actividade ou qualquer outra coisa, no fundo eu sei que vai tudo lá dar (...).*

*(...) Acho que é importante termos as Orientações Curriculares porque faz falta, porque se não tivéssemos qualquer coisa onde nos pudéssemos “agarrar”, acho que o nosso trabalho era assim muito na “corda bamba”. Quer dizer, nós podemos mesmo com as Orientações Curriculares trabalhar com as crianças abordando todos os temas, porque estamos sempre dentro das Orientações Curriculares, agora o que muda é a forma como o vamos fazer, como vamos abordar esses temas, os objectivos que temos (...).*

## **ANEXO II**

---

### **Pré-categorização da entrevista E1**

**PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA E1****Unidades de sentido**

1. [Conhecimento do documento das Orientações Curriculares] (...) *Tive conhecimento na altura do curso. Pronto, já se falava... (...)*
2. (...) *mas em termos do documento em si, do documento final não. Nem no final do curso [1997] sequer (...)*
3. (...) *Eu lembro-me de ver esse documento na Acção que fiz sobre as Orientações Curriculares (...)*
4. [Primeira impressão acerca do documento] (...) *Eu não sei... lembro-me que era... pronto...era quase um princípio segundo o qual nós nos poderíamos "reger", quer dizer... uma coisa assim (...)*
5. [Acesso ao documento] (...) *Portanto, eu acabei o curso em noventa e sete... falava-se (...)* *Entre colegas (...)*
6. (...) *porque queria saber realmente o que era, em que é que consistia... uma vez que era uma linha orientadora... (...)*
7. (...) *inscrevi-me numa acção de formação de cinquenta horas sobre as Orientações Curriculares (...)*
8. [Formação contínua acerca das Orientações Curriculares] (...) *Foi através do Foco, não sei se será Prodep, mas foi cinquenta horas (...)*
9. (...) *A minha primeira impressão...[acerca do documento] acho que apesar de tudo o que está lá escrito, acho que é uma coisa leve (...)*

10. [Ideia geral acerca do documento] (...) *Nós olhamos e às vezes repetem-se determinadas coisas, mais à frente ou mais atrás, acaba por se estar a falar sempre um bocadinho do mesmo (...)*
11. (...) *Mas acho que, para já não é um programa em que nós temos que seguir ali tudo à risca (...)*
12. (...) *Trata-se de um documento bastante aberto com linhas orientadoras (...)*
13. (...) *e a partir daquelas linhas, nós... depois “abrimos as portas” e podemos ir por um lado ou por outro (...)*
14. (...) *Nós realmente temos aquele ponto de referência, mas depois todo o resto fica ao nosso critério (...)*
15. [Acesso ao documento das Orientações Curriculares] (...) *Eu não cheguei a comprar o livro porque me deram as fotocópias nessa Acção (...).*
16. [Necessidades ou dúvidas é que o documento suscitou] (...) *Eu li o documento inicialmente e depois, se calhar, completamente nunca mais o li (...)*
17. (...) *Agora, sempre que tenho alguma dúvida vou às Orientações Curriculares (...)*
18. (...) *Às vezes chego lá e não vou ler novamente tudo, vou às questões que me preocupam, ou, por exemplo, às vezes quando tenho dúvidas em relação a certos objectivos, se estão bem enquadrados... vou às Orientações Curriculares onde os objectivos estão numa forma geral (...)*
19. (...) *vou para me situar um pouco ao nível da organização do ambiente [educativo] (...)*
20. (...) *quer dizer, vou por situações pontuais, não quer dizer que vá ler sempre o documento completo (...)*

21. (...) *Às vezes não [dá resposta às dúvidas e necessidades], precisamente por esse carácter que as Orientações Curriculares têm que é: dão-nos “dicas”, dão-nos um ponto de referência, mas não nos dão, às vezes, respostas concretas (...)*
22. (...) *Aquilo não é uma receita (...)*
23. [Motivos que levaram à frequência do círculo de estudos] (...) *Sim, [foi a vontade de querer saber mais sobre o documento] (...)*
24. (...) *Mas principalmente o que me levou a frequentar a Acção de Formação foi saber até que ponto é que a minha acção estava a ser desenvolvida correctamente com as crianças, uma vez que havia um princípio regulador, uma linha orientadora (...)*
25. (...) [Impacto da formação na compreensão das Orientações Curriculares] (...) *Eu penso que sim. (...)*
26. (...) *Eu penso que sim [que a formação teve impacto na compreensão das Orientações Curriculares], eu acho que foi muito interessante (...)*
27. (...) *acho que estas experiências são sempre muito positivas. (...)*
28. (...) *Desta forma também contactamos com a realidade das outras pessoas, trocamos ideias e aprendemos muita coisa neste tipo de acções (...)*
29. [Impacto da formação na prática pedagógica ] (...) *Eu acho que não houve muitas mudanças (...)*
30. (...) *quando tive um maior conhecimento sobre as Orientações Curriculares, foi logo no início da minha actividade profissional (...)*
31. (...) *eu penso que a partir do momento em que tomei conhecimento [das Orientações Curriculares] não tive que mudar assim muito (...)*

32. (...) *porque eu acho que a minha forma de encarar este tipo de actividades e os trabalhos que eu fazia com as crianças, acho que já se enquadravam muito naquela perspectiva (...).*
33. [Acerca da definição de Orientações Curriculares] (...) *É aquilo que eu já disse até agora, são linhas ... pronto, o ponto de partida para nós desenvolvermos o nosso trabalho. (...)*
34. (...) *quer dizer, são linhas por onde nos vamos seguir, por onde vamos iniciar e por onde nos devemos reger em termos de currículo (...)*
35. [Importância atribuída ao documento] (...) *por um lado não nos dá as “receitas” que muitas vezes nós gostaríamos que nos desse (...)*
36. (...) *mas atribuo-lhe uma importância muito grande (...)*
37. (...) *quando planifico, quando preparo as actividades e as semanas, estou sempre a pensar em termos de Orientações Curriculares – se as coisas se enquadram -, e daí acho que são de grande importância (...).*
38. (...) *no fundo, as consequências da aplicação é nós conseguimos atingir a maior parte dos objectivos que lá vêm (...)*
39. (...) *em termos de consequências, as melhores consequências serão essas – nós conseguimos atingir os objectivos que lá vêm propostos (...).*
40. (...) *Eu acho que a principal novidade das Orientações curriculares é mesmo a questão da multiculturalidade, da sensibilização para as diferenças (...)*
41. (...) *e para a globalização e que já vêm lá implícitas. (...)*
42. (...) *Embora seja uma coisa que se fale mais agora nestes últimos tempos, penso que a questão da escola para todos... penso que a principal novidade acaba por ser essa (...).*

43. [Aspectos mais úteis para a prática pedagógica] (...) *Se calhar... talvez em termos de preparação, planificação (...)*
44. (...) *eu faço as planificações, tenho como suporte as Orientações Curriculares (...)*
45. (...) *mesmo que seja uma planificação mais geral, se nós tivermos minimamente presente o que as Orientações Curriculares nos dizem, acho que é mais fácil, às vezes, em certos momentos, dinamizar, organizar (...)*
46. (...) *Depois surgem coisas que não estão na planificação, mas que se integram nas Orientações Curriculares e eu vou gerindo as coisas assim (...)*
47. (...) *Acho que um dos grandes aspectos positivos das Orientações curriculares é o facto de nos darem uma grande margem de manobra (...)*
48. [Acerca do modo como operacionaliza as Orientações Curriculares] (...) *Na parte da avaliação, faço avaliação com as crianças (...). Eu como tenho um grupo de cinco anos, faço uma coisa que gosto imenso de fazer que é planificar com eles. Gosto muito (...).*
49. [o projecto curricular de sala foi feito tendo como referência as Orientações Curriculares] *Sim (...).*
50. [Frequência com que usa as Orientações Curriculares] (...) *Muito frequentemente (...).*
51. [Mudanças na prática a partir da publicação e utilização das Orientações Curriculares] (...) *Penso que não houve grande mudança porque a minha atitude em termos do pré-escolar já era mais ou menos essa (...).*
52. [Dificuldades em pôr em prática as Orientações Curriculares] (...) *Eu penso que não (...)*
53. (...) *às vezes nós estamos à espera que haja uma receita qualquer e as Orientações Curriculares não são muito abrangentes (...)*

54. (...) *Eu gosto de ter uma margem de manobra Pronto, nós sabemos que temos aquelas linhas por onde nos devemos orientar e a partir daí (...)*
55. [Nível de conhecimento que as estagiárias têm acerca das Orientações Curriculares]  
(...) *Eu penso que também pode variar de estagiária para estagiária (...)*
56. (...) *mas eu senti as estagiárias [do ano passado] um pouco “verdes” e quando eu digo isto é também em termos de Orientações Curriculares (...)*
57. (...) *Não sei qual o acesso que elas têm às Orientações Curriculares, nem o conhecimento que têm desse documento. (...)*
58. (...) *embora pudessem não estar muito “por dentro” das Orientações Curriculares, sempre que propunham alguma actividade tentavam tê-las em conta (...)*
59. (...) *porque eu acho que mesmo em termos de formação inicial, a postura dos professores também parte das Orientações Curriculares e então eu penso que as actividades que elas propuseram estavam integradas nas Orientações Curriculares (...)*
60. (...) *Quando por algum motivo havia algo que ia contra, ou pelo menos não ia tão a favor... também lá estava o nosso papel de educadoras cooperantes, para alertá-las e ajudá-las naquilo que fosse preciso (...) penso que de uma forma implícita que estavam lá as Orientações Curriculares (...).*
61. (...) *se nos regemos pelas Orientações, sabemos que temos que dar a mesma oportunidade, da mesma forma a todas as crianças (...) eu tentava alertá-las, chamá-las à atenção e principalmente que elas compreendessem o porquê, porque é que deveriam ter em conta todas as crianças. (...)*
62. (...) *O que eu entendo por supervisão? Pois... existe uma prática pedagógica que está a ser realizada por uma ou várias alunas e eu acho que a supervisão consiste em nós estarmos lá, presentes ou não (...)*

63. (...) *porque às vezes convém libertarmos um pouco as estagiárias da nossa presença por curtos períodos de tempo. É benéfico, porque dá-lhes autonomia e às vezes dá-lhes outra coragem (...) e outra vontade perante as coisas. (...)*
64. (...) *Eu acho que a supervisão é estar lá (...)*
65. (...) *é esclarecer quando fizer falta (...)*
66. (...) *é criticar quando fizer falta, embora construtivamente (...)*
67. (...) *é estar lá (...)*
68. (...) *e ajudar naquilo que for preciso (...).*
69. (...) *Os aspectos que eu mais valorizo? (...) em relação à prática delas o aspecto mais importante para mim é a relação que elas têm com as crianças. (...)*
70. (...) *Porque os conteúdos são importantes, mas isso não é tudo (...)*
71. (...) *agora a relação afectiva com as crianças é muito importante, (...) Para mim o aspecto mais importante é esse. (...)*
72. (...) *Claro que há outros, muitos outros importantes ... Nós também temos que saber... mas pronto, temos que saber “estar com” e isso é o mais importante (...)*
73. (...) *Valorizo muito essa boa relação que a educadora deve ter com a estagiária (...)*
74. (...) *mas eu dou muito valor a isso [à relação educadora/estagiária] (...)*
75. (...) *Então acho que é muito importante a boa relação entre a educadora e a estagiária. Eu tentei fazer aquilo que estive ao meu alcance para atingir esse objectivo (...).*

76. (...) *Os aspectos em que tive mais dificuldades? Foi no aspecto... foi nas estagiárias... em me passarem a informação que lhes era dada na escola (...)*
77. (...) *eu acho que a informação e aquilo que se pretende da ESE é importante chegar até nós. (...) nesse aspecto acho que foi uma dificuldade (...).*
78. (...) *Muitas vezes é por telefone [que trocam impressões acerca das actividades ] (...)*
79. (...) *muitas vezes essa actividade não é discutida no dia anterior e então muitas vezes acaba por ser por telefone (...)*
80. (...) *e eu também como gosto de ter essa margem de manobra, também não gosto de limitar as estratégias (...)*
81. (...) *É claro que, muitas vezes, quando elas nos pediam ajuda nós dávamos sugestões (...)*
82. (...) *Eu gosto de dar sugestões (...)*
83. (...) *Só que não vou dizer “façam isto, isto e isto”... senão isto não é supervisão, é estar a fazer o trabalho delas (...)*
84. (...) *Muitas vezes davam-se ideias (...)*
85. (...) *mas depois deixávamos um pouco ao critério delas (...)*
86. (...) *E elas então diziam “relacionado com este assunto ainda vamos pensar melhor e depois levamos qualquer coisa” (...)*
87. (...) *E em relação a essa questão [acção da educadora cooperante no quadro definido pelas Orientações Curriculares] é isso, a pessoa acaba sempre por agarrar nas Orientações e tentar ver o que é que está bem e o que poderia estar melhor (...).*

- 
88. (...) *Eu não consigo desligar-me das Orientações Curriculares porque elas já estão dentro de mim (...)*
89. (...) *elas estão cá dentro e em relação ao que faço já não preciso de dizer “estou a fazer com base nas Orientações Curriculares” (...)*
90. (...) *isso já está tão interiorizado que quando dou uma opinião, sugiro uma actividade ou qualquer outra coisa, no fundo eu sei que vai tudo lá dar (...).*
91. (...) *Acho que é importante termos as Orientações Curriculares porque faz falta (...)*
92. (...) *porque se não tivéssemos qualquer coisa onde nos pudéssemos “agarrar”, acho que o nosso trabalho era assim muito na “corda bamba” (...)*
93. (...) *Quer dizer, nós podemos mesmo com as Orientações Curriculares trabalhar com as crianças abordando todos os temas, porque estamos sempre dentro das Orientações Curriculares, agora o que muda é a forma como o vamos fazer, como vamos abordar esses temas, os objectivos que temos (...).*

## **ANEXO II**

---

### **Grelha de categorização da entrevista E1**

**GRILHA DE CATEGORIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO  
(ENTREVISTA E I)**

TEMAS	CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES
<b>1. CONHECIMENTO DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES</b>	<b>1.1. Tomada de conhecimento das Orientações Curriculares</b>	<b>1.1.1. Participação no processo de elaboração do documento</b>  <b>1.1.2. Acesso ao documento</b>	Não verificada  (...) Tive conhecimento na altura do curso. Pronto, já se falava... (...) (1) (...) mas em termos do documento em si, do documento final não. Nem no final do curso [1997] sequer (...) (2) (...) Eu lembro-me de ver esse documento na Acção que fiz sobre as Orientações Curriculares (...) (3) (...) Portanto, eu acabei o curso em noventa e sete... falava-se (...) Entre colegas (...) (5) (...) Eu não cheguei a comprar o livro porque me deram as fotocópias nessa Acção (...) (15) (...) quando tive um maior conhecimento sobre as Orientações Curriculares, foi logo no início da minha actividade profissional (...) (30) Não verificada
		<b>1.1.3. Participação na sua divulgação</b>  <b>1.1.4. Primeira impressão acerca do documento</b>	(...) Eu não sei... lembro-me que era... pronto... era quase um princípio segundo o qual nós nos poderíamos "reger", quer dizer... uma coisa assim (...) (4) (...) A minha primeira impressão... [acerca do documento] acho que apesar de tudo o que está lá escrito, acho que é uma coisa leve (...) (9)  (...) porque queria saber realmente o que era, em que é que consistia... uma vez que era uma linha orientadora... (6) (...) Eu li o documento inicialmente e depois, se calhar, completamente nunca mais o li (...) (16) (...) Sim, [foi a vontade de querer saber mais sobre o documento] (...) (23)
		<b>1.1.5. Necessidades e/ou dúvidas que suscitou</b>	(...) inscrevi-me numa acção de formação de cinquenta horas sobre as Orientações Curriculares (...) (7) (...) Foi através do Foco, não sei se será Prodep, mas foi cinquenta horas (...) (8) (...) Mas principalmente o que me levou a frequentar a Acção de Formação foi saber até que ponto é que a minha acção estava a ser desenvolvida correctamente com as crianças, uma vez que havia um princípio regulador, uma linha orientadora (...) (24)
		<b>1.2. Formação contínua</b>	
		<b>1.2. Formação sobre as Orientações Curriculares</b>	

	<p><b>1.2. Formação sobre as Orientações Curriculares</b></p>	<p><b>1.2.2.</b> Impacto da formação na sua compreensão</p> <p><b>1.2.3.</b> Impacto da formação na prática pedagógica</p> <p><b>1.2.4.</b> Necessidade de mais formação</p> <p><b>1.2.5.</b> Dificuldade de acesso à formação</p>	<p>(...) <i>Eu penso que sim. (...) (25)</i>          (...) <i>Eu penso que sim [que a formação teve impacto na compreensão das Orientações Curriculares], eu acho que foi muito interessante (...) (26)</i>          (...) <i>acho que estas experiências são sempre muito positivas. (...) (27)</i>          (...) <i>Desta forma também contactamos com a realidade das outras pessoas, trocamos ideias e aprendemos muita coisa neste tipo de acções (...) (28)</i>          (...) <i>Eu acho que não houve muitas mudanças (...) (29)</i>          Não verificada          Não verificada</p>
<p><b>1. CONHECIMENTO DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES</b></p>	<p><b>1.3.1. Conceito</b></p> <p><b>1.3.2. Importância atribuída</b></p>		<p>(...) <i>Trata-se de um documento bastante aberto com linhas orientadoras (...) (12)</i>          (...) <i>e a partir daquelas linhas, nós... depois “abrimos as portas” e podemos ir por um lado ou por outro (...) (13)</i>          (...) <i>É aquilo que eu já disse até agora, são linhas ... pronto, o ponto de partida para nós desenvolvermos o nosso trabalho. (...) (33)</i>          (...) <i>quer dizer, são linhas por onde nos vamos seguir, por onde vamos iniciar e por onde nos devemos reger em termos de currículo (...) (34)</i>          (...) <i>Nós olhamos e às vezes repetem-se determinadas coisas, mais à frente ou mais atrás, acaba por se estar a falar sempre um bocadinho do mesmo (...) (10)</i>          (...) <i>Mas acho que, para já não é um programa em que nós temos que seguir ali tudo à risca (...) (11)</i>          (...) <i>Nós realmente temos aquele ponto de referência, mas depois todo o resto fica ao nosso critério (...) (14)</i>          (...) <i>Aquilo não é uma receita (...) (22)</i>          (...) <i>às vezes nós estamos à espera que haja uma receita qualquer e as Orientações Curriculares não são muito abrangentes (...) (53)</i>          (...) <i>Eu gosto de ter uma margem de manobra Pronto, nós sabemos que temos aquelas linhas por onde nos devemos orientar e a partir daí (...) (54)</i>          (...) <i>por um lado não nos dá as “receitas” que muitas vezes nós gostaríamos que nos desse (...) (35)</i>          (...) <i>mas atribuo-lhe uma importância muito grande (...) (36)</i>          (...) <i>quando planifico, quando preparo as actividades e as semanas, estou sempre a pensar em termos de Orientações Curriculares – se as coisas se enquadram -, e daí acho que são de grande importância (...) (37)</i></p>

<p><b>1. CONHECIMENTO DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES</b></p>	<p><b>1.3. Apreciação das Orientações Curriculares</b></p>	<p><b>1.3.3. Aspectos inovadores</b></p> <p><b>1.3.4 Mudanças provocadas</b></p>	<p>(...) <i>Eu acho que a principal novidade das Orientações curriculares é mesmo a questão da multiculturalidade, da sensibilização para as diferenças (...)</i> (40)</p> <p>(...) <i>e para a globalização e que já vêm lá implícitas. (...)</i> (41)</p> <p>(...) <i>Embora seja uma coisa que se fale mais agora nestes últimos tempos, penso que a questão da escola para todos... penso que a principal novidade acaba por ser essa (...)</i> (42)</p> <p>(...) <i>eu penso que a partir do momento em que tomei conhecimento [das Orientações Curriculares] não tive que mudar assim muito (...)</i> (31)</p> <p>(...) <i>porque eu acho que a minha forma de encarar este tipo de actividades e os trabalhos que eu fazia com as crianças, acho que já se enquadravam muito naquela perspectiva (...)</i> (32)</p> <p>(...) <i>Penso que não houve grande mudança porque a minha atitude em termos do pré-escolar já era mais ou menos essa (...)</i> (51)</p> <p>(...) <i>Quer dizer, nós podemos mesmo com as Orientações Curriculares trabalhar com as crianças abordando todos os temas, porque estamos sempre dentro das Orientações Curriculares, agora o que muda é a forma como o vamos fazer, como vamos abordar esses temas, os objectivos que temos (...)</i> (93)</p> <p>(...) <i>Acho que um dos grandes aspectos positivos das Orientações curriculares é o facto de nos darem uma grande margem de manobra (...)</i> (47)</p>
<p><b>2. AS ORIENTAÇÕES CURRICULARES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA</b></p>	<p><b>2.1. Utilização</b></p>	<p><b>2.1.1. Áreas/Planos de utilização</b></p>	<p>(...) <i>Agora, sempre que tenho alguma dúvida vou às Orientações Curriculares (...)</i> (17)</p> <p>(...) <i>As vezes chego lá e não vou ler novamente tudo, vou às questões que me preocupam, ou, por exemplo, às vezes quando tenho dúvidas em relação a certos objectivos, se estão bem enquadrados... vou às Orientações Curriculares onde os objectivos estão numa forma geral (...)</i> (18)</p> <p>(...) <i>vou para me situar um pouco ao nível da organização do ambiente [educativo] (...)</i> (19)</p> <p>(...) <i>quer dizer, vou por situações pontuais, não quer dizer que vá ler sempre o documento completo (...)</i> (20)</p> <p>(...) <i>eu faço as planificações, tenho como suporte as Orientações Curriculares (...)</i> (44)</p> <p>[<i>Acerca do modo como operacionaliza as Orientações Curriculares (...)</i> <i>Na parte da avaliação, faço avaliação com as crianças (...)</i> <i>Eu como tenho um grupo de cinco anos, faço uma coisa que gosto imenso de fazer que é planificar com eles. Gosto muito (...)</i> (48)</p> <p>[<i>O projecto curricular de sala foi feito tendo como referência as Orientações Curriculares</i>] <i>Sim (...)</i> (49)</p>

<p><b>2. AS ORIENTAÇÕES CURRICULARES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA</b></p>	<p><b>2.1. Utilização</b></p>	<p><b>2.1.2.</b> Frequência de utilização</p>	<p>(...) <i>Muito frequentemente</i> (...) (50)</p> <p>(...) <i>no fundo, as consequências da aplicação é nós conseguimos atingir a maior parte dos objectivos que lá vêm</i> (...) (38)</p> <p>(...) <i>em termos de consequências, as melhores consequências serão essas – nós conseguimos atingir os objectivos que lá vêm propostos</i> (...) (39)</p>
	<p><b>2.2. Valorização</b></p>	<p><b>2.2.1</b> Aspectos mais úteis</p>	<p>(...) <i>Se calhar... talvez em termos de preparação, planificação</i> (...) (43)</p> <p>(...) <i>mesmo que seja uma planificação mais geral, se nós tivermos minimamente presente o que as Orientações Curriculares nos dizem, acho que é mais fácil, às vezes, em certos momentos, dinamizar, organizar</i> (...) (45)</p> <p>(...) <i>Depois surgem coisas que não estão na planificação, mas que se integram nas Orientações Curriculares e eu vou gerindo as coisas assim</i> (...) (46)</p> <p>(...) <i>Às vezes não [dá resposta às dúvidas e necessidades], precisamente por esse carácter que as Orientações Curriculares têm que é: dão-nos "dicas", dão-nos um ponto de referência, mas não nos dão, às vezes, respostas concretas</i> (...) (21)</p> <p>(...) <i>Eu penso que não</i> (...) (52)</p>
<p><b>3. SUPERVISÃO E ORIENTAÇÕES CURRICULARES</b></p>	<p><b>3.1. Supervisão</b></p>	<p><b>3.1.1.</b> Conceito de supervisão</p>	<p>(...) <i>O que eu entendo por supervisão? Pois... existe uma prática pedagógica que está a ser realizada por uma ou várias alunas e eu acho que a supervisão consiste em nós estarmos lá, presentes ou não</i> (...) (62)</p> <p>(...) <i>Eu acho que a supervisão é estar lá</i> (...) (64)</p> <p>(...) <i>é esclarecer quando fizer falta</i> (...) (65)</p> <p>(...) <i>é criticar quando fizer falta, embora construtivamente</i> (...) (66)</p> <p>(...) <i>é estar lá</i> (...) (67)</p> <p>(...) <i>e ajudar naquilo que for preciso</i> (...) (68)</p>
	<p><b>3.1.2.</b> Atitude da supervisora</p>	<p>(...) <i>porque às vezes convém libertarmos um pouco as estagiárias da nossa presença por curtos períodos de tempo. É benéfico, porque dá-lhes autonomia e às vezes dá-lhes outra coragem</i> (...) <i>e outra vontade perante as coisas.</i> (...) (63)</p> <p>(...) <i>Então acho que é muito importante a boa relação entre a educadora e a estagiária. Eu tentei fazer aquilo que estive ao meu alcance para atingir esse objectivo</i> (...) (75)</p> <p>(...) <i>e eu também como gosto de ter essa margem de manobra, também não gosto de limitar as estratégias</i> (...) (80)</p> <p>(...) <i>Só que não vou dizer "façam isto, isto e isto" ... sendo isto não é</i></p>	

<p><b>3. SUPERVISÃO E ORIENTAÇÕES CURRICULARES</b></p>	<p><b>3.1. Supervisão</b></p>	<p><b>3.1.3. Dimensão relacional</b></p>	<p><i>supervisão, é estar a fazer o trabalho delas (...)</i> (83)  <i>(...) Muitas vezes davam-se ideias (...)</i> (84)  <i>(...) mas depois deixávamos um pouco ao critério delas (...)</i> (85)  <i>(...) E elas então diziam "relacionado com este assunto ainda vamos pensar melhor e depois levamos qualquer coisa" (...)</i> (86)</p> <p><i>(...) Os aspectos que eu mais valorizo? (...) em relação à prática delas o aspecto mais importante para mim é a relação que elas têm com as crianças. (...)</i> (69)  <i>(...) agora a relação afectiva com as crianças é muito importante. (...) Para mim o aspecto mais importante é esse. (...)</i> (71)  <i>(...) Claro que há outros, muitos outros importantes ... Nós também temos que saber... mas pronto, temos que saber "estar com" e isso é o mais importante (...)</i> (72)  <i>(...) Valorizo muito essa boa relação que a educadora deve ter com a estagiária (...)</i> (73)  <i>(...) mas eu dou muito valor a isso [a relação educadora/estagiária] (...)</i> (74)  <i>(...) Os aspectos em que tive mais dificuldades? Foi no aspecto... foi nas estagiárias... em me passarem a informação que lhes era dada na escola (...)</i> (76)  <i>(...) eu acho que a informação e aquilo que se pretende da ESE é importante chegar até nós. (...) nesse aspecto acho que foi uma dificuldade (...)</i> (77)</p> <p><b>3.1.5. O papel da educadora cooperante</b></p> <p><i>(...) Quando por algum motivo havia algo que ia contra, ou pelo menos não ia tão a favor... também lá estava o nosso papel de educadoras cooperantes, para alertá-las e ajudá-las naquilo que fosse preciso (...)</i> penso que de uma forma implícita que estavam lá as Orientações Curriculares (...) (60)  <i>(...) se nos regemos pelas Orientações, sabemos que temos que dar a mesma oportunidade, da mesma forma a todas as crianças (...) eu tentava alertá-las, chamá-las à atenção e principalmente que elas compreendessem o porquê, porque é que deveriam ter em conta todas as crianças. (...)</i> (61)  <i>(...) É claro que, muitas vezes, quando elas nos pediam ajuda nós dávamos sugestões (...)</i> (81)  <i>(...) Eu gosto de dar sugestões (...)</i> (82)</p> <p><b>3.1.6. Estratégias de acção</b></p> <p><i>(...) Porque os conteúdos são importantes, mas isso não é tudo (...)</i> (70)  <i>(...) Muitas vezes é por telefone [que trocam impressões acerca das actividades] (...)</i> (78)  <i>(...) muitas vezes essa actividade não é discutida no dia anterior e então muitas vezes acaba por ser por telefone (...)</i> (79)</p>
--	-------------------------------	--	--

<p><b>3. SUPERVISÃO E ORIENTAÇÕES CURRICULARES</b></p>	<p><b>3.2. As Orientações Curriculares na supervisão</b></p>	<p><b>3.2.1. Importância atribuída</b></p>	<p>(...) <i>E em relação a essa questão [ação da educadora cooperante no quadro definido pelas Orientações Curriculares] é isso, a pessoa acaba sempre por agarrar nas Orientações e tentar ver o que é que está bem e o que poderia estar melhor (...). (87)</i></p> <p>(...) <i>Eu não consigo desligar-me das Orientações Curriculares porque elas já estão dentro de mim (...). (88)</i></p> <p>(...) <i>elas estão cá dentro e em relação ao que faço já não preciso de dizer “estou a fazer com base nas Orientações Curriculares” (...). (89)</i></p> <p>(...) <i>isso já está tão interiorizado que quando dou uma opinião, sugiro uma actividade ou qualquer outra coisa, no fundo eu sei que vai tudo lá dar (...). (90)</i></p> <p>(...) <i>Acho que é importante termos as Orientações Curriculares porque faz falta (...). (91)</i></p> <p>(...) <i>porque se não tivéssemos qualquer coisa onde nos pudéssemos “agarrar”, acho que o nosso trabalho era assim muito na “corda bamba” (...). (92)</i></p> <p>Não verificada</p>
		<p><b>3.2.2. Dificuldades sentidas</b></p>	
		<p><b>3.2.3. Conhecimento demonstrado pelas estagiárias</b></p>	<p>(...) <i>Eu penso que também pode variar de estagiária para estagiária (...). (55)</i></p> <p>(...) <i>mas eu senti as estagiárias [do ano passado] um pouco “verdes” e quando eu digo isto é também em termos de Orientações Curriculares (...). (56)</i></p> <p>(...) <i>Não sei qual o acesso que elas têm às Orientações Curriculares, nem o conhecimento que têm desse documento (...). (57)</i></p> <p>(...) <i>embora pudéssem não estar muito “por dentro” das Orientações Curriculares, sempre que propunham alguma actividade tentavam tê-las em conta (...). (58)</i></p> <p>(...) <i>porque eu acho que mesmo em termos de formação inicial, a postura dos professores também parte das Orientações Curriculares e então eu penso que as actividades que elas propuseram estavam integradas nas Orientações Curriculares (...). (59)</i></p>

## **ANEXO III**

---

**Potocolo e tratamento dos dados da entrevista E7**

## **ANEXO III**

---

### **Potocolo da entrevista E7**

**PROTOCOLO DA ENTREVISTA E7**

**Ent. – Esta primeira parte da entrevista diz respeito ao acesso ao documento das Orientações Curriculares. Como sabe, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar foram publicadas em Setembro de 1997 pelo Ministério da Educação/Departamento da Educação Básica. Este documento, corresponde à terceira versão de um texto cujas duas versões anteriores foram debatidas por diferentes intervenientes da Educação Pré-Escolar. O que eu gostava de saber é se participou nesse processo de análise e debate do documento, relativamente a alguma das versões?**

**Ed. – Não.**

**Ent. - Então, quando é que teve acesso ao documento?**

**Ed. –** Eu tive acesso ao documento há cerca de dois anos, mais ou menos, porque mandaram para a Direcção da Instituição [IPSS].

**Ent. – Quem é que mandou?**

**Ed. –** Foi do Departamento da Educação Básica.

**Ent. – E foi aí que teve acesso ao documento?**

**Ed. –** Sim, foi nesse momento.

**Ent. – Qual foi a sua primeira impressão acerca do documento?**

**Ed. –** Eu olhei para o documento e pensei: “ Olha, pelo menos, temos uma ajuda”. Fala em relação à família, em relação às crianças, às auxiliares... achei que era muito abrangente. Não quer dizer que nós não fizéssemos já aquilo na prática... porque nós, na prática, já fazíamos tudo aquilo. Mas achei que o documento falava do que eu fazia na prática. Não foi uma novidade, veio só consolidar aquilo que nós fazemos. Senti que não vinha alterar nada a minha maneira de estar na prática, mas veio consolidar aquilo que eu já fazia.

**Ent. – Esse documento suscitou-lhe algumas necessidades ou dúvidas, nesse primeiro contacto?**

**Ed. –** No primeiro contacto não, não me suscitou dúvidas.

**Ent. – Achou que era claro, era explícito?**

**Ed. –** Sim, achei que sim.

**Ent. – Teve acesso a formação contínua sobre as Orientações Curriculares?**

**Ed.** – Não. Estive num Fórum e aí tive conhecimento dos trabalhos feitos no âmbito do Círculo de Estudos sobre as Orientações Curriculares. Achei interessante todos os temas apresentados e foi aí o primeiro contacto com as Orientações Curriculares. Eu achei muito interessante, mas depois não tive possibilidade de concorrer a formação contínua. Ao ler o livro vi que realmente estava a trabalhar de acordo com aquelas indicações.

**Ent.** – **Acha que esse Fórum, embora tenha sido muito pouco em termos de formação, ajudou, de alguma forma, a perceber melhor as Orientações Curriculares.**

**Ed.** – Sim, a dar mais importância e a compreender o nosso trabalho.

**Ent.** – **Ainda em relação à formação, como já disse não frequentou...**

**Ed.** – Porque não tive acesso, não tive conhecimento de formação sobre as Orientações Curriculares.

**Ent.** – **Mas sente necessidade de formação? Gostava de ter frequentado?**

**Ed.** - Na altura achava que sim, que precisava de formação, mas agora como tenho mais contacto com as estagiárias, tenho as colegas e também já fizemos os Complementos de Formação, já não sinto tanto essa falta.

**Ent.** – **Nos complementos de Formação falaram nas Orientações Curriculares?**

**Ed.** – Sim falámos.

**Ent.** – **Vocês, ou os professores?**

**Ed.** – Mais os professores, mas não foi aprofundar mesmo, foi mais no geral. Nós também recorriamos para fazer os trabalhos...

**Ent.** – **Centrando-nos agora na apreciação das Orientações Curriculares, eu começo por lhe pedir que refira o que entende por Orientações Curriculares.**

**Ed.** – Para mim, as Orientações Curriculares são uma orientação que o professor tem, sobre como orientar, como organizar a sala, como organizar o grupo, os conteúdos que quer trabalhar com as crianças e no meu caso, como Directora Pedagógica, ajudaram na organização... em relação às colegas, às reuniões que devo fazer. Quanto aos conteúdos, nós sabemos o que devemos de fazer na área de formação pessoal e social para cada idade, em relação às expressões também fala do tipo de expressões que devemos abordar em função de cada idade e o mesmo em relação ao conhecimento do mundo. Existem esses pontos e nós assim sabemos onde nos devemos de basear. Também veio mudar em relação ao aspecto do trabalho com os pais. Veio dar importância a isso, que nós também não dávamos muita importância – a relação escola/família, os pais a participarem no nosso trabalho e a partilharem connosco e a interessarem-se. As

Orientações Curriculares também nos ajudaram a dar mais importância a esse aspecto, porque até aí nós não dávamos tanta importância ao envolvimento dos pais nas actividades da escola. Acho que em relação a isso, as Orientações Curriculares foram muito importantes. Também na organização da sala, as tarefas, as presenças...que eu já fazia, mas também veio ajudar a consolidar.

**Ent. – Achei interessante quando referiu que as Orientações curriculares a ajudaram enquanto Directora Pedagógica...**

**Ed. –** Como Directora Pedagógica eu tinha que fazer reuniões com as minhas colegas periodicamente, saber o que é que elas estavam a fazer e as Orientações Curriculares vieram ajudar-me a preparar, a organizar, porque eu não dava muita importância a isso, a essas reuniões e passei a dar.

**Ent. – Ou seja, teve impacto em toda a instituição, tanto no trabalho com as crianças, como na organização e na gestão.**

**Ed. –** Outra coisa que nós não fazíamos era reuniões de pais e passámos a fazer.

**Ent. – Isso é muito interessante, essa mudança que provocou na dinâmica da instituição.**

**Ed. –** A Directora da instituição tinha uma atitude negativa perante as reuniões de pais. Achava que era só para falarem das mensalidades e nós pensávamos: “Se ela não faz, nós também não fazemos”. Surgiram as Orientações Curriculares e nós decidimos: “Não faz a Directora, mas as educadoras passam a fazer” – foi um dos aspectos em que a nossa postura também mudou e passámos a fazer reuniões de pais, passámos a envolver mais os pais nas actividades da sala, a partilhar com as colegas. Existe, desde aí, um grande investimento no trabalho com os pais. Por exemplo no dia trinta uma colega vai fazer um piquenique com os pais, os pais já participaram fazendo um teatro connosco na Festa de Natal, se vamos a um passeio, eles vão para nos ajudar, participam sempre que pedimos a sua ajuda. O projecto educativo da instituição, este ano, incidia na preservação do ambiente e eu tive isso em conta no meu projecto pedagógico. Houve uma mãe que disse que estava a fazer reciclagem do lixo em casa, falou dos ecopontos e eu pensei que se “encaixava” perfeitamente no nosso projecto educativo e a partir da conversa com essa mãe começamos também a fazer a divisão do lixo. Também aí houve a participação dos pais, que “traziam imenso lixo”, depois começamos a fazer aproveitamento do material que eles traziam. Há algum tempo atrás, era impensável pedir alguma colaboração dos pais. Quanto menos os pais interferissem, quanto menos soubessem do que se passava na sala melhor...

**Ent. – Quando, no fundo, é precisamente o contrário, os pais valorizam muito mais se tiverem uma participação activa.**

**Ed. –** E se souberem o que as crianças estão a fazer e porquê. Acho que nós mudámos de atitude em relação aos pais, quando nos começámos a orientar pelas Orientações Curriculares.

**Ent. – No fundo, o que elas trouxeram de novo para a instituição, foram mudanças muito significativas...**

**Ed. –** Sim, foi o trabalho com os pais, reuniões de pais e reuniões pedagógicas que passaram a ser feitas mais periodicamente. Também há um maior trabalho de equipa. Em relação ao modo como eu trabalhava, pois eu já trabalhava abrangendo todos os conteúdos e tendo em conta as áreas que aparecem nas Orientações Curriculares, isso não veio alterar.

**Ent. – Qual a importância que atribuí ao documento?**

**Ed. –** Eu atribuo-lhe uma grande importância, porque na nossa instituição veio alterar muito a nossa postura. Ninguém nos brigou, mas nós achámos que era importante. Tivemos consciência de que havia coisas que nós não fazíamos e que devíamos fazer. Para mim, as Orientações Curriculares foram muito importantes porque há vinte anos que estou cá e nunca tinha feito reuniões de pais e passámos a fazer, bem como a ter mais reuniões pedagógicas e eu acho que isso veio melhorar bastante o funcionamento da instituição, veio enriquecer.

**Ent. – Então quais foram as principais consequências da sua aplicação?**

**Ed. –** Para nós foi positivo, as consequências foram bastante significativas.

**Ent. – Acha que as Orientações Curriculares trouxeram algo de novo?**

**Ed. –** Algo de novo... para a prática pedagógica, no meu caso, não, porque eu já trabalhava assim. Já fazia as presenças, já trabalhava todas as áreas, já organizava a sala e também já dava a conhecer à minha auxiliar o que estava a fazer, porque isso também é importante, o trabalho em equipa. Portanto, a minha maneira de trabalhar com as crianças não veio a alterar-se muito. Foi mais a nível da instituição e da relação com os pais, com as colegas. Eu também já tinha muito conhecimento do Movimento da Escola Moderna e as crianças já escolhiam o que queriam trabalhar, já havia a organização de tarefas, o dar-lhes responsabilidades... isso tudo eu já fazia, não que tenha aprendido no meu curso, porque o meu curso é João de Deus. Foram conhecimentos que eu adquiri e achei interessantes para as crianças e como verifiquei que essas actividades lhes davam

autonomia, formação e eles enriqueciam tanto os seus conhecimentos, que eu não mudei a minha forma de agir.

**Ent. - Em relação à utilização das Orientações Curriculares, eu pedia-lhe que referisse os aspectos mais úteis para a sua prática, como consequência do recurso e utilização das Orientações Curriculares.**

**Ed. - Para minha prática... pronto, eu já abrangia todas as áreas de conteúdo...**

**Ent. - Mas se diz que houve mudanças na instituição, provavelmente acabaram por abranger também a sua prática?**

**Ed. - Pois, a única coisa que nós antes não fazíamos era passar tudo para o papel e agora escrevemos muito mais. Portanto, eu fazia as coisas, mas não planificava, não escrevia. Passei a planificar muito mais e também passámos a fazer a avaliação das crianças no final do ano, que também não fazíamos.**

**Ent. - Como operacionaliza as Orientações Curriculares?**

**Ed. - Temos o projecto educativo da instituição e temos o projecto curricular de sala e as planificações que partem também dos princípios das Orientações Curriculares. Claro que adapto ao contexto e ao grupo.**

**Ent. - Com que frequência utiliza as Orientações Curriculares?**

**Ed. - No início do ano, mais no meio do ano e no final do ano lectivo - três vezes, mais ou menos. No início do ano, quando fazemos o projecto educativo, no meio quando estou a desenvolver o projecto de sala e depois no final do ano quando fazemos a avaliação.**

**Ent. - Então, em síntese o que é que mudou efectivamente na sua prática a partir da publicação e utilização das Orientações Curriculares?**

**Ed. - A maior mudança foi em relação ao trabalho com os pais.**

**Ent. - Encontra algum tipo de dificuldades em pôr em prática as Orientações Curriculares?**

**Ed. - Não, não sinto.**

**Ent. - Passando agora para o último bloco da entrevista, que se centra na supervisão da prática pedagógica, começo por lhe pedir que refira até que ponto é que as Orientações Curriculares são ou não um referente na prática pedagógica das alunas em formação inicial e qual o seu papel nesse processo.**

**Ed. - Eu acho que sim, que elas têm conhecimento e todos os conhecimentos que elas transmitem às crianças estão relacionados com as Orientações Curriculares, porque elas ao planificarem baseiam-se nas Orientações Curriculares e tentam abranger tudo de**

acordo com as Orientações Curriculares. Ao basearem-se nesse documento vão exigindo das crianças certos saberes e atitudes e é através disso que nós vemos que elas se baseiam nas Orientações Curriculares. A minha postura em relação a isso... pois eu acho muito bem que elas tenham conhecimento do documento e que procurem tê-lo em conta na sua acção com as crianças, que tenham esses princípios como base. Elas planificam comigo e verifico que toda a acção delas tem por base as Orientações Curriculares. Eu tento que elas se baseiem nesse documento.

**Ent. – O que é para si a supervisão da prática pedagógica?**

**Ed.** – Eu não faço um papel de supervisora, eu faço uma partilha, elas mostram-me os seus conhecimentos – que adquiriram, o que investigaram relacionado com o grupo com que estão a trabalhar e eu vejo se estão a trabalhar adequadamente, se houve empenhamento, se houve pesquisa, se houve um trabalho de fundo -, e depois, como elas trabalham no directo – isso é muito importante – a motivação pelas crianças, o dar conhecimentos às crianças, e isso é o que é mais importante. Eu como supervisora tenho que ver esses pontos todos.

**Ent. – Quais os aspectos que mais valoriza no processo de supervisão?**

**Ed.** – É elas certificarem-se de tudo, saberem o porquê que fizeram aquilo, os porquês, certificarem-se, saberem analisar, saberem onde é que erraram – isso para mim é muito importante – e elas próprias saberem ver o que não correu bem, como é que poderiam ter feito. Quando eu me reunia com elas, elas diziam: *"isto hoje não correu tão bem, devíamos ter feito de outra maneira"* – o reconhecer, o acharem que ainda podem fazer melhor, serem exigentes consigo próprias e saberem onde falham.

**Ent. – Quais os aspectos em que sente mais dificuldade na supervisão?**

**Ed.** – É na parte da avaliação, quando penso que vou dar uma nota é complicado. Não é por falhar um dia que vamos dizer que as alunas não têm capacidades – é nesta parte que eu sinto dificuldades na supervisão. Eu gosto de ver a maneira como elas trabalham, mas depois, dar uma classificação não gosto.

**Ent. – E quais os aspectos em que se sente mais segura como supervisora?**

**Ed.** – Eu não me considero supervisora mas sim uma colega e portanto estamos numa partilha de conhecimentos e aquilo que nós transmitimos, os conhecimentos, isso para mim dá-me uma certa segurança. Porque eu não tenho aquela postura... Há pessoas que fazem aquele afastamento e *"agora estou a ver as alunas, estou a ver o que é que elas fazem"* e nós não, nós estamos ali para partilhar e essa é a parte que eu gosto mais e sinto-me segura – na partilha, na troca de conhecimentos, gosto muito.

---

**Ent. – Pedia-lhe agora que perspectivasse a sua acção como cooperante no quadro definido pelas Orientações Curriculares.**

**Ed.** – Sim, é pelas Orientações Curriculares que eu me oriento e vejo se elas estão no caminho correcto – se o trabalho delas é adequado à idade, ao grupo; ao modo como elas se souberam envolver na instituição; se elas se envolveram com o resto do pessoal. Tudo isto faz parte, estes pontos são importantes – aparecem nas Orientações Curriculares e é importante que elas se envolvam na instituição. A experiência que eu tive este ano foi muito positiva, porque elas envolveram-se bastante na instituição, foram só duas, não foi pesado para a instituição, foi uma ajuda. Envolveram-se com os pais. As Orientações Curriculares falam do envolvimento dos pais e elas envolveram bastante os pais. O tema que trabalharam foi a preservação do ambiente elas conseguiram que os pais fizessem a divisão do lixo, foi muito importante tudo isso. Acho que isso tudo – envolvimento dos pais, da comunidade, porque elas depois também envolveram a comunidade, fomos à Câmara e tudo isso foi baseado nas Orientações Curriculares, portanto elas fizeram trabalho com as crianças, com os pais e com a comunidade.

**Ent. – Pedia-lhe, para finalizar, que referisse os aspectos que se alteraram na supervisão por influência das Orientações Curriculares.**

**Ed.** – O que referi anteriormente e também as reflexões. Antigamente não reflectíamos muito, era uma vez por acaso. Agora há logo uma reflexão sobre o que pensamos fazer, é tudo muito mais planeado. E essa troca, essa partilha é muito importante. Eu acho que foram as Orientações Curriculares que me alertaram para a importância de reflectirmos sempre sobre o que fazemos.

**ANEXO III**

---

**Primeiro tratamento da entrevista E7**

**PRIMEIRO TRATAMENTO DA ENTREVISTA E7**

[Participação no processo de análise e debate do documento] (...) Não (...)

(...) *Eu tive acesso ao documento há cerca de dois anos, mais ou menos, porque mandaram para a Direcção da Instituição [IPSS].(...)*

(...) *Foi do Departamento da Educação Básica (...)*

[Acesso ao documento] (...) *Sim, foi nesse momento. (...)*

[Primeira impressão acerca do documento] (...) *Eu olhei para o documento e pensei: “Olha, pelo menos, temos uma ajuda”. Fala em relação à família, em relação às crianças, às auxiliares... achei que era muito abrangente. Não quer dizer que nós não fizéssemos já aquilo na prática... porque nós, na prática, já fazíamos tudo aquilo. Mas achei que o documento falava do que eu fazia na prática. Não foi uma novidade, veio só consolidar aquilo que nós fazemos. Senti que não vinha alterar nada a minha maneira de estar na prática, mas veio consolidar aquilo que eu já fazia.(...)*

(...) *No primeiro contacto não, não me suscitou dúvidas.(...)*

(...) *Sim, achei que sim. [que era claro, era explícito] (...)*

[Formação contínua sobre as Orientações Curriculares] (...) *Não. Estive num Fórum e aí tive conhecimento dos trabalhos feitos no âmbito do Círculo de Estudos sobre as Orientações Curriculares. Achei interessante todos os temas apresentados e foi aí o primeiro contacto com as Orientações Curriculares. Eu achei muito interessante, mas depois não tive possibilidade de concorrer a formação contínua. Ao ler o livro vi que realmente estava a trabalhar de acordo com aquelas indicações.(...)*

[Importância da Acção de Formação que frequentou] (...) *Sim, a dar mais importância e a compreender o nosso trabalho. (...)*

---

*(...) Porque não tive acesso, não tive conhecimento de formação sobre as Orientações Curriculares.(...)*

*[Quanto à necessidade de formação] (...) Na altura achava que sim, que precisava de formação, mas agora como tenho mais contacto com as estagiárias, tenho as colegas e também já fizemos os Complementos de Formação, já não sinto tanto essa falta.(...)*

*[Nos Complementos de Formação] (...) Sim falámos. [das Orientações Curriculares] (...)*

*(...) Mais os professores, mas não foi aprofundar mesmo, foi mais no geral. Nós também recorriamos para fazer os trabalhos...(...)*

*(...) Para mim, as Orientações Curriculares são uma orientação que o professor tem, sobre como orientar, como organizar a sala, como organizar o grupo, os conteúdos que quer trabalhar com as crianças e no meu caso, como Directora Pedagógica, ajudaram na organização... em relação às colegas, às reuniões que devo fazer. Quanto aos conteúdos, nós sabemos o que havemos de fazer na área de formação pessoal e social para cada idade, em relação às expressões também fala do tipo de expressões que devemos abordar em função de cada idade e o mesmo em relação ao conhecimento do mundo. Existem esses pontos e nós assim sabemos onde nos havemos de basear. Também veio mudar em relação ao aspecto do trabalho com os pais. Veio dar importância a isso, que nós também não dávamos muita importância – a relação escola/família, os pais a participarem no nosso trabalho e a partilharem connosco e a interessarem-se. As Orientações Curriculares também nos ajudaram a dar mais importância a esse aspecto, porque até aí nós não dávamos tanta importância ao envolvimento dos pais nas actividades da escola. Acho que em relação a isso, as Orientações Curriculares foram muito importantes. Também na organização da sala, as tarefas, as presenças...que eu já fazia, mas também veio ajudar a consolidar.(...)*

*(...) Como Directora Pedagógica eu tinha que fazer reuniões com as minhas colegas periodicamente, saber o que é que elas estavam a fazer e as Orientações Curriculares vieram ajudar-me a preparar, a organizar, porque eu não dava muita importância a isso, a essas reuniões e passei a dar.(...)*

---

*(...) Outra coisa que nós não fazíamos era reuniões de pais e passámos a fazer.(...)*

*(...) A Directora da instituição tinha uma atitude negativa perante as reuniões de pais. Achava que era só para falarem das mensalidades e nós pensávamos: “Se ela não faz, nós também não fazemos”. Surgiram as Orientações Curriculares e nós decidimos: “Não faz a Directora, mas as educadoras passam a fazer” – foi um dos aspectos em que a nossa postura também mudou e passámos a fazer reuniões de pais, passámos a envolver mais os pais nas actividades da sala, a partilhar com as colegas. Existe, desde aí, um grande investimento no trabalho com os pais. (...)*

*(...) Acho que nós mudámos de atitude em relação aos pais, quando nos começámos a orientar pelas Orientações Curriculares.(...)*

*[Mudanças na instituição a partir da publicação das Orientações Curriculares] (...) foi o trabalho com os pais, reuniões de pais e reuniões pedagógicas que passaram a ser feitas mais periodicamente. Também há um maior trabalho de equipa. Em relação ao modo como eu trabalhava, pois eu já trabalhava abrangendo todos os conteúdos e tendo em conta as áreas que aparecem nas Orientações Curriculares, isso não veio alterar.(...)*

*(...) Eu atribuo-lhe uma grande importância, porque na nossa instituição veio alterar muito a nossa postura. Ninguém nos brigou, mas nós achámos que era importante. Tivemos consciência de que havia coisas que nós não fazíamos e que devíamos fazer. Para mim, as Orientações Curriculares foram muito importantes porque há vinte anos que estou cá e nunca tinha feito reuniões de pais e passámos a fazer, bem como a ter mais reuniões pedagógicas e eu acho que isso veio melhorar bastante o funcionamento da instituição, veio enriquecer.(...)*

*[Consequências da sua aplicação](...) Para nós foi positivo, as consequências foram bastante significativas.(...)*

*(...) Algo de novo... para a prática pedagógica, no meu caso, não, porque eu já trabalhava assim. Já fazia as presenças, já trabalhava todas as áreas, já organizava a sala e também já dava a conhecer à minha auxiliar o que estava a fazer, porque isso*

---

*também é importante, o trabalho em equipa. Portanto, a minha maneira de trabalhar com as crianças não veio a alterar-se muito. Foi mais a nível da instituição e da relação com os pais, com as colegas. Eu também já tinha muito conhecimento do Movimento da Escola Moderna e as crianças já escolhiam o que queriam trabalhar, já havia a organização de tarefas, o dar-lhes responsabilidades... isso tudo eu já fazia, não que tenha aprendido no meu curso, porque o meu curso é João de Deus. Foram conhecimentos que eu adquiri e achei interessantes para as crianças e como verifiquei que essas actividades lhes davam autonomia, formação e eles enriqueciam tanto os seus conhecimentos, que eu não mudei a minha forma de agir. (...)*

[Aspectos mais úteis para a prática como consequência do recurso e utilização das Orientações ] (...) *Para minha prática... pronto, eu já abrangia todas as áreas de conteúdo...(...)*

(...) *Pois, a única coisa que nós antes não fazíamos era passar tudo para o papel e agora escrevemos muito mais. Portanto, eu fazia as coisas, mas não planificava, não escrevia. Passei a planificar muito mais e também passámos a fazer a avaliação das crianças no final do ano, que também não fazíamos.(...)*

[Acerca do modo como operacionaliza as Orientações Curriculares] (...) *Temos o projecto educativo da instituição e temos o projecto curricular de sala e as planificações que partem também dos princípios das Orientações Curriculares. Claro que adapto ao contexto e ao grupo. (...)*

[Frequência com que utiliza as Orientações Curriculares] (...) *No início do ano, mais no meio do ano e no final do ano lectivo – três vezes, mais ou menos. No início do ano, quando fazemos o projecto educativo, no meio quando estou a desenvolver o projecto de sala e depois no final do ano quando fazemos a avaliação.(...)*

(...) *A maior mudança foi em relação ao trabalho com os pais.(...)*

[Dificuldades em pôr em prática as Orientações Curriculares] (...) *Não, não sinto.(...)*

[As Orientações Curriculares como referente na prática pedagógica das alunas em formação inicial] (...) *Eu acho que sim, que elas têm conhecimento e todos os conhecimentos que elas transmitem às crianças estão relacionados com as Orientações Curriculares, (...) elas ao planificarem baseiam-se nas Orientações Curriculares e tentam abranger tudo de acordo com as Orientações Curriculares. Ao basearem-se nesse documento vão exigindo das crianças certos saberes e atitudes e é através disso que nós vemos que elas se baseiam nas Orientações Curriculares. (...) eu acho muito bem que elas tenham conhecimento do documento e que procurem tê-lo em conta na sua acção com as crianças, que tenham esses princípios como base. Elas planificam comigo e verifico que toda a acção delas tem por base as Orientações Curriculares. Eu tento que elas se baseiem nesse documento.(...)*

[“Definição” de supervisão] (...) *Eu não faço um papel de supervisora, eu faço uma partilha, elas mostram-me os seus conhecimentos – que adquiriram, o que investigaram relacionado com o grupo com que estão a trabalhar e eu vejo se estão a trabalhar adequadamente, se houve empenhamento, se houve pesquisa, se houve um trabalho de fundo -, e depois, como elas trabalham no directo – isso é muito importante – a motivação pelas crianças, o dar conhecimentos às crianças, e isso é o que é mais importante. Eu como supervisora tenho que ver esses pontos todos.(...)*

[Aspectos que mais valoriza no processo de supervisão] (...) *É elas certificarem-se de tudo, saberem o porquê que fizeram aquilo, os porquês, certificarem-se, saberem analisar, saberem onde é que erraram – isso para mim é muito importante – e elas próprias saberem ver o que não correu bem, como é que poderiam ter feito. (...) o reconhecer, o acharem que ainda podem fazer melhor, serem exigentes consigo próprias e saberem onde falham.(...)*

[Aspectos em que sente mais dificuldade na supervisão] (...) *É na parte da avaliação, quando penso que vou dar uma nota é complicado (...) é nesta parte que eu sinto dificuldades na supervisão. Eu gosto de ver a maneira como elas trabalham, mas depois, dar uma classificação não gosto.(...)*

[Aspectos em que se sente mais segura como supervisora] (...) *Eu não me considero supervisora mas sim uma colega e portanto estamos numa partilha de conhecimentos e*

---

*aquilo que nós transmitimos, os conhecimentos, isso para mim dá-me uma certa segurança. Porque eu não tenho aquela postura...Há pessoas que fazem aquele afastamento e “agora estou a ver as alunas, estou a ver o que é que elas fazem” e nós não, nós estamos ali para partilhar e essa é a parte que eu gosto mais (...) sinto-me segura – na partilha, na troca de conhecimentos, gosto muito.(...)*

*[Perspectivando a sua acção como cooperante no quadro definido pelas Orientações Curriculares] (...) Sim, é pelas Orientações Curriculares que eu me oriento e vejo se elas estão no caminho correcto – se o trabalho delas é adequado à idade, ao grupo; ao modo como elas se souberam envolver na instituição; se elas se envolveram com o resto do pessoal. Tudo isto faz parte, estes pontos são importantes – aparecem nas Orientações Curriculares e é importante que elas se envolvam na instituição (...)*

*(...) Antigamente não reflectíamos muito, era uma vez por acaso. Agora há logo uma reflexão sobre o que pensamos fazer, é tudo muito mais planeado. E essa troca, essa partilha é muito importante. Eu acho que foram as Orientações Curriculares que me alertaram para a importância de reflectirmos sempre sobre o que fazemos.(...)*

## **ANEXO III**

---

### **Pré-categorização da entrevista E7**

**PRÉ-CATEGORIZAÇÃO DA ENTREVISTA E7****Unidades de sentido**

1. [Participação no processo de análise e debate do documento] (...) *Não* (...)
2. (...) *Eu tive acesso ao documento há cerca de dois anos, mais ou menos, porque mandaram para a Direcção da Instituição [IPSS].(...)*
3. (...) *Foi do Departamento da Educação Básica* (...)
4. [Acesso ao documento] (...) *Sim, foi nesse momento.* (...)
5. [Primeira impressão acerca do documento] (...) *Eu olhei para o documento e pensei: " Olha, pelo menos, temos uma ajuda".* (...)
6. (...) *Fala em relação à família, em relação às crianças, às auxiliares... achei que era muito abrangente.* (...)
7. (...) *Não quer dizer que nós não fizéssemos já aquilo na prática... porque nós, na prática, já fazíamos tudo aquilo.* (...)
8. (...) *Mas achei que o documento falava do que eu fazia na prática.* (...)
9. (...) *Não foi uma novidade* (...)
10. (...) *veio só consolidar aquilo que nós fazemos.* (...)
11. (...) *Senti que não vinha alterar nada a minha maneira de estar na prática* (...)
12. (...) *mas veio consolidar aquilo que eu já fazia.*(...)
13. (...) *No primeiro contacto não, não me suscitou dúvidas.*(...)

- 
14. (...) *Sim, achei que sim. [que era claro, era explícito] (...)*
15. [Formação contínua sobre as Orientações Curriculares] (...) *Não. Estive num Fórum e aí tive conhecimento dos trabalhos feitos no âmbito do Círculo de Estudos sobre as Orientações Curriculares. Achei interessante todos os temas apresentados e foi aí o primeiro contacto com as Orientações Curriculares. (...)*
16. (...) *Eu achei muito interessante, mas depois não tive possibilidade de concorrer a formação contínua. (...)*
17. (...) *Ao ler o livro vi que realmente estava a trabalhar de acordo com aquelas indicações.(...)*
18. [Importância da Acção de Formação que frequentou] (...) *Sim, a dar mais importância e a compreender o nosso trabalho. (...)*
19. (...) *Porque não tive acesso, não tive conhecimento de formação sobre as Orientações Curriculares.(...)*
20. [Quanto à necessidade de formação] (...) *Na altura achava que sim, que precisava de formação (...)*
21. (...) *mas agora como tenho mais contacto com as estagiárias, tenho as colegas e também já fizemos os Complementos de Formação, já não sinto tanto essa falta.(...)*
22. [Nos Complementos de Formação] (...) *Sim falámos [das Orientações Curriculares] (...)*
23. (...) *Mais os professores, mas não foi aprofundar mesmo, foi mais no geral. (...)*
24. (...) *Nós também recorriamos para fazer os trabalhos...(...)*

25. (...) *Para mim, as Orientações Curriculares são uma orientação que o professor tem, sobre como orientar, como organizar a sala, como organizar o grupo, os conteúdos que quer trabalhar com as crianças (...)*
26. (...) *e no meu caso, como Directora Pedagógica, ajudaram na organização... em relação às colegas (...)*
27. (...) *às reuniões que devo fazer. (...)*
28. (...) *Quanto aos conteúdos, nós sabemos o que havemos de fazer na área de formação pessoal e social para cada idade, em relação às expressões também fala do tipo de expressões que devemos abordar em função de cada idade e o mesmo em relação ao conhecimento do mundo. Existem esses pontos e nós assim sabemos onde nos havemos de basear. (...)*
29. (...) *Também veio mudar em relação ao aspecto do trabalho com os pais. Veio dar importância a isso, que nós também não dávamos muita importância – a relação escola/família, os pais a participarem no nosso trabalho e a partilharem connosco e a interessarem-se. (...)*
30. (...) *As Orientações Curriculares também nos ajudaram a dar mais importância a esse aspecto, porque até aí nós não dávamos tanta importância ao envolvimento dos pais nas actividades da escola. Acho que em relação a isso, as Orientações Curriculares foram muito importantes. (...)*
31. (...) *Também na organização da sala, as tarefas, as presenças...que eu já fazia, mas também veio ajudar a consolidar.(...)*
32. (...) *Como Directora Pedagógica eu tinha que fazer reuniões com as minhas colegas periodicamente, saber o que é que elas estavam a fazer e as Orientações Curriculares vieram ajudar-me a preparar, a organizar, porque eu não dava muita importância a isso, a essas reuniões e passei a dar.(...)*
33. (...) *Outra coisa que nós não fazíamos era reuniões de pais e passámos a fazer.(...)*

34. (...) *A Directora da instituição tinha uma atitude negativa perante as reuniões de pais. Achava que era só para falarem das mensalidades e nós pensávamos: “Se ela não faz, nós também não fazemos”. Surgiram as Orientações Curriculares e nós decidimos: “Não faz a Directora, mas as educadoras passam a fazer” – foi um dos aspectos em que a nossa postura também mudou e passámos a fazer reuniões de pais, passámos a envolver mais os pais nas actividades da sala, (...)*
35. (...) *a partilhar com as colegas. (...)*
36. (...) *Existe, desde aí, um grande investimento no trabalho com os pais. (...)*
37. (...) *Acho que nós mudámos de atitude em relação aos pais, quando nos começámos a orientar pelas Orientações Curriculares.(...)*
38. [Mudanças na instituição a partir da publicação das Orientações Curriculares] (...) *foi o trabalho com os pais, reuniões de pais (...)*
39. (...) *e reuniões pedagógicas que passaram a ser feitas mais periodicamente. (...)*
40. (...) *Também há um maior trabalho de equipa. (...)*
41. (...) *Em relação ao modo como eu trabalhava, pois eu já trabalhava abrangendo todos os conteúdos e tendo em conta as áreas que aparecem nas Orientações Curriculares, isso não veio alterar.(...)*
42. (...) *Eu atribuo-lhe uma grande importância, porque na nossa instituição veio alterar muito a nossa postura. Ninguém nos brigou, mas nós achámos que era importante. (...)*
43. (...) *Tivemos consciência de que havia coisas que nós não fazíamos e que devíamos fazer. (...)*
44. (...) *Para mim, as Orientações Curriculares foram muito importantes porque há vinte anos que estou cá e nunca tinha feito reuniões de pais e passámos a fazer (...)*

45. (...) *bem como a ter mais reuniões pedagógicas e eu acho que isso veio melhorar bastante o funcionamento da instituição, veio enriquecer.*(...)
46. [Consequências da sua aplicação](...) *Para nós foi positivo* (...)
47. (...) *as consequências foram bastante significativas.*(...)
48. (...) *Algo de novo... para a prática pedagógica, no meu caso, não, porque eu já trabalhava assim. Já fazia as presenças, já trabalhava todas as áreas, já organizava a sala e também já dava a conhecer à minha auxiliar o que estava a fazer, porque isso também é importante, o trabalho em equipa. Portanto, a minha maneira de trabalhar com as crianças não veio a alterar-se muito.* (...)
49. (...) *Foi mais a nível da instituição* (...)
50. (...) *e da relação com os pais* (...)
51. (...) *com as colegas.* (...)
52. (...) *Eu também já tinha muito conhecimento do Movimento da Escola Moderna e as crianças já escolhiam o que queriam trabalhar, já havia a organização de tarefas, o dar-lhes responsabilidades... isso tudo eu já fazia* (...). *Foram conhecimentos que eu adquiri e achei interessantes para as crianças e como verifiquei que essas actividades lhes davam autonomia, formação e eles enriqueciam tanto os seus conhecimentos, que eu não mudei a minha forma de agir.* (...)
53. [Aspectos mais úteis para a prática como consequência do recurso e utilização das Orientações] (...) *Para minha prática... pronto, eu já abrangia todas as áreas de conteúdo*...(...)
54. (...) *Pois, a única coisa que nós antes não fazíamos era passar tudo para o papel e agora escrevemos muito mais. Portanto, eu fazia as coisas, mas não planificava, não escrevia.* (...)

- 
55. (...) *Passei a planificar muito mais (...)*
56. (...) *e também passámos a fazer a avaliação das crianças no final do ano, que também não fazíamos.(...)*
- 57.. [Acerca do modo como operacionaliza as Orientações Curriculares] (...) *Temos o projecto educativo da instituição (...)*
58. (...) *e temos o projecto curricular de sala (...)*
59. (...) *e as planificações que partem também dos princípios das Orientações Curriculares. Claro que adapto ao contexto e ao grupo. (...)*
60. [Frequência com que utiliza as Orientações Curriculares] (...) *No início do ano (...)*
61. (...) *mais no meio do ano (...)*
62. (...) *e no final do ano lectivo – três vezes, mais ou menos. (...)*
63. (...) *No início do ano, quando fazemos o projecto educativo (...)*
64. (...) *no meio quando estou a desenvolver o projecto de sala (...)*
65. (...) *e depois no final do ano quando fazemos a avaliação.(...)*
66. (...) *A maior mudança foi em relação ao trabalho com os pais.(...)*
67. [Dificuldades em pôr em prática as Orientações Curriculares] (...) *Não, não sinto.(...)*
68. [As Orientações Curriculares como referente na prática pedagógica das alunas em formação inicial] (...) *Eu acho que sim, que elas têm conhecimento e todos os conhecimentos que elas transmitem às crianças estão relacionados com as Orientações Curriculares (...)*

69. (...) *elas ao planificarem baseiam-se nas Orientações Curriculares e tentam abranger tudo de acordo com as Orientações Curriculares. (...)*
70. (...) *Ao basearem-se nesse documento vão exigindo das crianças certos saberes e atitudes e é através disso que nós vemos que elas se baseiam nas Orientações Curriculares. (...)*
71. (...) *eu acho muito bem que elas tenham conhecimento do documento e que procurem tê-lo em conta na sua acção com as crianças, que tenham esses princípios como base. (...)*
72. (...) *Elas planificam comigo e verifico que toda a acção delas tem por base as Orientações Curriculares. (...)*
73. (...) *Eu tento que elas se baseiem nesse documento.(...)*
74. (...) *Eu não faço um papel de supervisora (...)*
75. (...) *eu faço uma partilha (...)*
76. (...) *elas mostram-me os seus conhecimentos – que adquiriram, o que investigaram relacionado com o grupo com que estão a trabalhar e eu vejo se estão a trabalhar adequadamente (...)*
77. (...) *se houve empenhamento (...)*
78. (...) *se houve pesquisa (...)*
79. (...) *se houve um trabalho de fundo (...)*
80. (...) *e depois, como elas trabalham no directo – isso é muito importante – a motivação pelas crianças, o dar conhecimentos às crianças, e isso é o que é mais importante. (...)*

- 
81. (...) *Eu como supervisora tenho que ver esses pontos todos.*(...)
82. [Aspectos que mais valoriza no processo de supervisão] (...) *É elas certificarem-se de tudo, saberem o porquê que fizeram aquilo, os porquês, certificarem-se (...)*
83. (...) *saberem analisar, saberem onde é que erraram – isso para mim é muito importante (...)*
84. (...) *e elas próprias saberem ver o que não correu bem, como é que poderiam ter feito (...)*
85. (...) *o reconhecer, o acharem que ainda podem fazer melhor, serem exigentes consigo próprias (...)*
86. (...) *e saberem onde falham.*(...)
87. [Aspectos em que sente mais dificuldade na supervisão] (...) *É na parte da avaliação, quando penso que vou dar uma nota é complicado (...)* *é nesta parte que eu sinto dificuldades na supervisão. (...)*
88. (...) *Eu gosto de ver a maneira como elas trabalham (...)*
89. (...) *mas depois, dar uma classificação não gosto.*(...)
90. (...) *Eu não me considero supervisora mas sim uma colega e portanto estamos numa partilha de conhecimentos e aquilo que nós transmitimos, os conhecimentos, isso para mim dá-me uma certa segurança. (...)*
91. (...) *Porque eu não tenho aquela postura...Há pessoas que fazem aquele afastamento e “agora estou a ver as alunas, estou a ver o que é que elas fazem” e nós não, nós estamos ali para partilhar e essa é a parte que eu gosto mais (...)*
92. (...) *sinto-me segura – na partilha, na troca de conhecimentos, gosto muito.*(...)

---

93. [Perspectivando a sua acção como cooperante no quadro definido pelas Orientações Curriculares] (...) *Sim, é pelas Orientações Curriculares que eu me oriento e vejo se elas estão no caminho correcto – se o trabalho delas é adequado à idade, ao grupo; ao modo como elas se souberam envolver na instituição; se elas se envolveram com o resto do pessoal. Tudo isto faz parte, estes pontos são importantes – aparecem nas Orientações Curriculares e é importante que elas se envolvam na instituição (...)*

94. (...) *Antigamente não reflectíamos muito, era uma vez por acaso. Agora há logo uma reflexão sobre o que pensamos fazer, é tudo muito mais planeado. E essa troca, essa partilha é muito importante. (...)*

95. (...) *Eu acho que foram as Orientações Curriculares que me alertaram para a importância de reflectirmos sempre sobre o que fazemos.(...)*

## **ANEXO III**

---

### **Grelha de categorização da entrevista E7**

**GRELHA DE CATEGORIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO  
(ENTREVISTA E7)**

TEMAS	CATEGORIAS	SUB-CATEGORIAS	INDICADORES
<b>1. CONHECIMENTO DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES</b>	<b>1.1. Tomada de conhecimento das Orientações Curriculares</b>	<b>1.1.1.</b> Participação no processo de elaboração do documento	(...) Não (...) (1)
		<b>1.1.2.</b> Acesso ao documento	(...) <i>Eu tive acesso ao documento há cerca de dois anos, mais ou menos, porque mandaram para a Direcção da Instituição [IPSS] (...)</i> (2) (...) <i>Foi do Departamento da Educação Básica (...)</i> (3) (...) <i>Sim, foi nesse momento [o acesso ao documento] (...)</i> (4)
		<b>1.1.3.</b> Participação na sua divulgação	<i>Não verificada</i>
		<b>1.1.4.</b> Primeira impressão acerca do documento	(...) <i>Eu olhei para o documento e pensei: " Olha, pelo menos, temos uma ajuda". (...)</i> (5) (...) <i>Fala em relação à família, em relação às crianças, às auxiliares... achei que era muito abrangente. (...)</i> (6) (...) <i>Não quer dizer que nós não fizéssemos já aquilo na prática... porque nós, na prática, já fazíamos tudo aquilo (...)</i> (7) (...) <i>Mas achei que o documento falava do que eu fazia na prática (...)</i> (8) (...) <i>Sim, achei que sim. [que era claro, era explícito] (...)</i> (14) (...) <i>Ao ler o livro vi que realmente estava a trabalhar de acordo com aquelas indicações.(...)</i> (17)
		<b>1.1.5.</b> Necessidades e/ou dúvidas que suscitou	(...) <i>No primeiro contacto não, não me suscitou dúvidas.(...)</i> (13)
	<b>1.2. Formação sobre as Orientações Curriculares</b>	<b>1.2.1.</b> Formação contínua	(...) <i>Não. Estive num Fórum e aí tive conhecimento dos trabalhos feitos no âmbito do Circulo de Estudos sobre as Orientações Curriculares. Achei interessante todos os temas apresentados e foi aí o primeiro contacto com as Orientações Curriculares. (...)</i> (15) (...) <i>Eu achei muito interessante, mas depois não tive possibilidade de concorrer a formação contínua. (...)</i> (16) (...) <i>Sim falámos [das Orientações Curriculares] (...)</i> (22) (...) <i>Mais os professores, mas não foi aprofundar mesmo, foi mais no geral. (...)</i> (23) (...) <i>Nós também recorriamos para fazer os trabalhos...(.)</i> (24)

<b>1. CONHECIMENTO DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES</b>	<b>1.2. Formação sobre as Orientações Curriculares</b>	<b>1.2.2. Impacto da formação na sua compreensão</b>	<i>Não verificada</i>
		<b>1.2.3. Impacto da formação na prática pedagógica</b>	<i>(...) Sim, a dar mais importância e a compreender o nosso trabalho. (...) (18)</i>
		<b>1.2.4. Necessidade de mais formação</b>	<i>(...) Na altura achava que sim, que precisava de formação (...) (20) (...) mas agora como tenho mais contacto com as estagiárias, tenho as colegas e também já fizemos os Complementos de Formação, já não sinto tanto essa falta.(...) (21)</i>
		<b>1.2.5. Dificuldade de acesso à formação</b>	<i>(...) Porque não tive acesso, não tive conhecimento de formação sobre as Orientações Curriculares.(...) (19)</i>
	<b>1.3. Apreciação das Orientações Curriculares</b>	<b>1.3.1. Conceito</b>	<i>(...) Para mim, as Orientações Curriculares são uma orientação que o professor tem, sobre como orientar, como organizar a sala, como organizar o grupo, os conteúdos que quer trabalhar com as crianças (...) (25)</i>
		<b>1.3.2. Importância atribuída</b>	<i>(...) mas veio consolidar aquilo que eu já fazia.(...) (12) (...) Também na organização da sala, as tarefas, as presenças...que eu já fazia, mas também veio ajudar a consolidar.(...) (31) (...) Eu atribuo-lhe uma grande importância, porque na nossa instituição veio alterar muito a nossa postura. Ninguém nos brigou, mas nós achámos que era importante. (...) (42) (...) Tivemos consciência de que havia coisas que nós não fazíamos e que devíamos fazer. (...) (43) (...) Para mim, as Orientações Curriculares foram muito importantes porque há vinte anos que estou cá e nunca tinha feito reuniões de pais e passámos a fazer (...) (44) (...) bem como a ter mais reuniões pedagógicas e eu acho que isso veio melhorar bastante o funcionamento da instituição, veio enriquecer.(...) (45)</i>
		<b>1.3.3. Aspectos inovadores</b>	<i>(...) Não foi uma novidade (...) (9) (...) Algo de novo... para a prática pedagógica, no meu caso, não, porque eu já trabalhava assim. Já fazia as presenças, já trabalhava todas as áreas, já organizava a sala e também já dava a conhecer à minha auxiliar o que estava a fazer, porque isso também é importante, o trabalho em equipa. Portanto, a minha maneira de trabalhar com as crianças não veio a alterar-se muito. (...) (48) (...) Foi mais a nível da instituição (...) (49) (...) e da relação com os pais (...) (50) (...) com as colegas. (...) (51)</i>

<p><b>1. CONHECIMENTO DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES</b></p>	<p><b>1.3. Apreciação das Orientações Curriculares</b></p>	<p><b>1.3.4. Mudanças provocadas</b></p>	<p>(...) veio só consolidar aquilo que nós fazemos. (...) (10)</p> <p>(...) Senti que não vinha alterar nada a minha maneira de estar na prática (...) (11)</p> <p>(...) Também veio mudar em relação ao aspecto do trabalho com os pais. Veio dar importância a isso, que nós também não dávamos muita importância – a relação escola/família, os pais a participarem no nosso trabalho e a partilharem connosco e a interessarem-se. (...) (29)</p> <p>(...) As Orientações Curriculares também nos ajudaram a dar mais importância a esse aspecto, porque até aí nós não dávamos tanta importância ao envolvimento dos pais nas actividades da escola. Acho que em relação a isso, as Orientações Curriculares foram muito importantes. (...) (30)</p> <p>(...) Como Directora Pedagógica eu tinha que fazer reuniões com as minhas colegas periodicamente, saber o que é que elas estavam a fazer e as Orientações Curriculares vieram ajudar-me a preparar, a organizar, porque eu não dava muita importância a isso, a essas reuniões e passei a dar. (...) (32)</p> <p>(...) Outra coisa que nós não fazíamos era reuniões de pais e passámos a fazer. (...) (33)</p> <p>(...) A Directora da instituição tinha uma atitude negativa perante as reuniões de pais. Achava que era só para falarem das mensalidades e nós pensávamos: “Se ela não faz, nós também não fazemos”. Surgiram as Orientações Curriculares e nós decidimos: “Não faz a Directora, mas as educadoras passam a fazer” – foi um dos aspectos em que a nossa postura também mudou e passámos a fazer reuniões de pais, passámos a envolver mais os pais nas actividades da sala (...) (34)</p> <p>(...) a partilhar com as colegas. (...) (35)</p> <p>(...) Existe, desde aí, um grande investimento no trabalho com os pais. (...) (36)</p> <p>(...) Acho que nós mudámos de atitude em relação aos pais, quando nos começámos a orientar pelas Orientações Curriculares. (...) (37)</p> <p>[Mudanças na instituição a partir da publicação das Orientações Curriculares]</p> <p>(...) foi o trabalho com os pais, reuniões de pais (...) (38)</p> <p>(...) e reuniões pedagógicas que passaram a ser feitas mais periodicamente. (...) (39)</p> <p>(...) Também há um maior trabalho de equipa. (...) (40)</p> <p>(...) Em relação ao modo como eu trabalhava, pois eu já trabalhava abrangendo todos os conteúdos e tendo em conta as áreas que aparecem nas Orientações Curriculares, isso não veio alterar. (...) (41)</p> <p>(...) Eu também já tinha muito conhecimento do Movimento da Escola Moderna e as crianças já escolhiam o que queriam trabalhar, já havia a organização de tarefas, o dar-lhes responsabilidades... isso tudo eu já fazia (...). Foram conhecimentos que eu adquiri e achei interessantes para as crianças e como</p>
--	--	--	---

<b>1. CONHECIMENTO DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES</b>	<b>1.3. Apreciação das Orientações Curriculares</b>		<p>verifiquei que essas actividades lhes davam autonomia, formação e eles enriqueciam tanto os seus conhecimentos, que eu não mudei a minha forma de agir. (...) (52)</p> <p>(...) Pois, a única coisa que nós antes não fazíamos era passar tudo para o papel e agora escrevemos muito mais. Portanto, eu fazia as coisas, mas não planificava, não escrevia. (...) (54)</p> <p>(...) Passei a planificar muito mais (...) (55)</p> <p>(...) e também passámos a fazer a avaliação das crianças no final do ano, que também não fazíamos.(...) (56)</p> <p>(...) A maior mudança foi em relação ao trabalho com os pais.(...) (66)</p>
<b>2. AS ORIENTAÇÕES CURRICULARES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA</b>	<b>2.1. Utilização</b>	<b>2.1.1. Áreas/planos de utilização</b>	<p>[Acerca do modo como operacionaliza as Orientações Curriculares] (...) Temos o projecto educativo da instituição (...) (57)</p> <p>(...) e temos o projecto curricular de sala (...) (58)</p> <p>(...) e as planificações que partem também dos princípios das Orientações Curriculares. Claro que adapto ao contexto e ao grupo. (...) (59)</p>
		<b>2.1.2. Frequência de utilização</b>	<p>(...) No início do ano (...) (60)</p> <p>(...) mais no meio do ano (...) (61)</p> <p>(...) e no final do ano lectivo – três vezes, mais ou menos. (...) (62)</p> <p>(...) No início do ano, quando fazemos o projecto educativo (...) (63)</p> <p>(...) no meio quando estou a desenvolver o projecto de sala (...) (64)</p> <p>(...) e depois no final do ano quando fazemos a avaliação.(...) (65)</p>
		<b>2.1.3. Consequências da sua utilização</b>	<p>(...) Para nós foi positivo (...) (46)</p> <p>(...) as consequências foram bastante significativas.(...) (47)</p>
	<b>2.2. Valorização</b>	<b>2.2.1 Aspectos mais úteis</b>	<p>(...) e no meu caso, como Directora Pedagógica, ajudaram na organização... em relação às colegas (...) (26)</p> <p>(...) às reuniões que devo fazer. (...) (27)</p> <p>(...) Quanto aos conteúdos, nós sabemos o que havemos de fazer na área de formação pessoal e social para cada idade, em relação às expressões também fala do tipo de expressões que devemos abordar em função de cada idade e o mesmo em relação ao conhecimento do mundo. Existem esses pontos e nós assim sabemos onde nos havemos de basear. (...) (28)</p> <p>(...) Para minha prática... pronto, eu já abrangia todas as áreas de conteúdo...(...) (53)</p>
		<b>2.2.2. Dificuldades sentidas</b>	<p>(...) Não, não sinto.(...) (67)</p>

<b>3. SUPERVISÃO E ORIENTAÇÕES CURRICULARES</b>	<b>3.1. Supervisão</b>	<b>3.1.1. Conceito de supervisão</b>	<i>Não verificada</i>
		<b>3.1.2. Atitude da supervisora</b>	<i>(...) Eu não me considero supervisora mas sim uma colega e portanto estamos numa partilha de conhecimentos e aquilo que nós transmitimos, os conhecimentos, isso para mim dá-me uma certa segurança. (...) (90)</i> <i>(...) Porque eu não tenho aquela postura... Há pessoas que fazem aquele afastamento e "agora estou a ver as alunas, estou a ver o que é que elas fazem" e nós não, nós estamos ali para partilhar e essa é a parte que eu gosto mais (...) (91)</i> <i>(...) sinto-me segura – na partilha, na troca de conhecimentos, gosto muito. (...) (92)</i>
		<b>3.1.3. Dimensão relacional</b>	<i>Não verificada</i>
		<b>3.1.4. Dificuldades sentidas</b>	<i>(...) É na parte da avaliação, quando penso que vou dar uma nota é complicado</i> <i>(...) é nesta parte que eu sinto dificuldades na supervisão. (...) (87)</i> <i>(...) Eu gosto de ver a maneira como elas trabalham (...) (88)</i> <i>(...) mas depois, dar uma classificação não gosto. (...) (89)</i>
		<b>3.1.5. O papel da educadora cooperante</b>	<i>(...) Eu não faço um papel de supervisora (...) (74)</i> <i>(...) eu faço uma partilha (...) (75)</i> <i>(...) elas mostram-me os seus conhecimentos – que adquiriram, o que investigaram relacionado com o grupo com que estão a trabalhar e eu vejo se estão a trabalhar adequadamente (...) (76)</i> <i>(...) se houve empenhamento (...) (77)</i> <i>(...) se houve pesquisa (...) (78)</i> <i>(...) se houve um trabalho de fundo (...) (79)</i> <i>(...) Eu como supervisora tenho que ver esses pontos todos. (...) (81)</i>
		<b>3.1.6. Estratégias de acção</b>	<i>(...) Elas planificam comigo e verifico que toda a acção delas tem por base as Orientações Curriculares. (...) (72)</i> <i>(...) e depois, como elas trabalham no directo – isso é muito importante – a motivação pelas crianças, o dar conhecimentos às crianças, e isso é o que é mais importante. (...) (80)</i> <i>(...) É elas certificarem-se de tudo, saberem o porquê que fizeram aquilo, os porquês, certificarem-se (...) (82)</i> <i>(...) saberem analisar, saberem onde é que erraram – isso para mim é muito importante (...) (83)</i> <i>(...) e elas próprias saberem ver o que não correu bem, como é que poderiam ter feito (...) (84)</i> <i>(...) o reconhecer, o acharem que ainda podem fazer melhor, serem exigentes consigo próprias (...) (85)</i> <i>(...) e saberem onde falham. (...) (86)</i>

<b>3. SUPERVISÃO E ORIENTAÇÕES CURRICULARES</b>	<b>3.2. As Orientações Curriculares na supervisão</b>	<b>3.2.1. Importância atribuída</b>	[Perspectivando a sua acção como cooperante no quadro definido pelas Orientações Curriculares] (...) <i>Sim, é pelas Orientações Curriculares que eu me oriento e vejo se elas estão no caminho correcto – se o trabalho delas é adequado à idade, ao grupo; ao modo como elas se souberam envolver na instituição; se elas se envolveram com o resto do pessoal. Tudo isto faz parte, estes pontos são importantes – aparecem nas Orientações Curriculares e é importante que elas se envolvam na instituição (...) (93)</i> (...) <i>Antigamente não reflectíamos muito, era uma vez por acaso. Agora há logo uma reflexão sobre o que pensamos fazer, é tudo muito mais planeado. E essa troca, essa partilha é muito importante. (...) (94)</i> (...) <i>Eu acho que foram as Orientações Curriculares que me alertaram para a importância de reflectirmos sempre sobre o que fazemos.(...) (95)</i>
		<b>3.2.2. Dificuldades sentidas</b>	<i>Não verificada</i>
		<b>3.2.3. Conhecimento demonstrado pelas estagiárias</b>	(...) <i>Eu acho que sim, que elas têm conhecimento e todos os conhecimentos que elas transmitem às crianças estão relacionados com as Orientações Curriculares (...) (68)</i> (...) <i>elas ao planificarem baseiam-se nas Orientações Curriculares e tentam abranger tudo de acordo com as Orientações Curriculares. (...) (69)</i> (...) <i>Ao basearem-se nesse documento vão exigindo das crianças certos saberes e atitudes e é através disso que nós vemos que elas se baseiam nas Orientações Curriculares. (...) (70)</i> (...) <i>eu acho muito bem que elas tenham conhecimento do documento e que procurem tê-lo em conta na sua acção com as crianças, que tenham esses princípios como base. (...) (71)</i> (...) <i>Eu tento que elas se baseiem nesse documento.(...) (73)</i>

---

## **ANEXO IV**

**Análise de conteúdo (Quadro geral de comparação de dados)**



























**ANÁLISE DE CONTEÚDO (Quadro geral de comparação de dados)**

Tema	Enunciação / Justificação															1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Total 1	Total 2
<b>Apreciação das Orientações Curriculares</b>																																
<b>3. Aspectos inovadores</b>																																
3.1. "Eu acho que a principal novidade é mesmo a questão da multiculturalidade, da sensibilização para as diferenças"																																
3.2. "Em termos de actividades, a mim pessoalmente não me trouxeram muito de novo"	3																			3	1											
3.3. "A forma como está estruturado o ensino aprendizagem, por áreas de conteúdo. Nessa forma articulada de trabalhar"	2	1																	1	4	3											
3.4. "Em termos da organização do ambiente educativo também"																																
3.5. "Não, não foi uma novidade"																																
3.6. "Foi novidade, porque eu, experiência anterior não tinha"																																
3.7. "A maneira de trabalhar com as crianças não se alterou"																																
3.8. "Foi mais a nível de instituição"																																
3.9. "Ao nível da relação com os pais"																																
3.10. "Ao nível da relação com as colegas"																																
3.11. "E dá-me tantas ideias...porque eu acho que ao mesmo tempo dá-nos ideias novas"																																
3.12. "De qualquer modo, eu acho que aquilo é um marco, é uma motivação"																																
3.13. "Para experimentar coisas diferentes"																																
3.14. "Trouxe algo de novo, ao nível de nós estarmos mais conscientes de que a criança é objecto e sujeito da sua aprendizagem"																																
3.15. "Uma orientação para o educador"																																
3.16. "Em termos de linguagem acho que traz qualquer coisa de novo"																																
3.17. "Mudaram as práticas"																																
3.18. "Levaram a que os profissionais avaliassem o trabalho"																																
3.19. "Reforçaram muitas áreas que estavam confusas"																																
3.20. "Da necessidade de observar as crianças"																																
3.21. "Na tal sistematização"																																
3.22. "E na visibilidade do que é o Jardim de Infância"																																
Total 1 = Número de respostas																																
Total 2 = Número de entrevistadas																																

**CONHECIMENTO DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES**

ANÁLISE DE CONTEÚDO ( Quadro geral de comparação de dados)

Tema	Enunciação / Justificação	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Total 1	Total 2	
CONHECIMENTO DAS ORIENTAÇÕES CURRICULARES	<b>Apreciação das Orientações Curriculares</b>																		
	<b>4. Mudanças provocadas</b>																		
	4.1. "Não houve mudança nenhuma, eu não senti mudança nenhuma"										1	2						3	2
	4.2. "Não houve (grande) mudança na minha prática pedagógica"	3	4					2	3				1			3		16	6
	4.3. "A partir daí, a nossa instituição passou a exigir-nos o Projecto Curricular de Sala, o que até essa altura não acontecia"				1													1	1
	4.4. "Nós conseguimos envolver a Direcção, e que eles percebessem a nossa dinâmica"				2													2	1
	4.5. "As educadoras eram as únicas que não tinham nada e, se calhar, a partir daí o nosso trabalho foi visto de maneira diferente"				2				2									4	2
	4.6. "Mas acho e concordo que as Orientações Curriculares foram uma mais valia e um despertar para a importância desta fase"									1								1	1
	4.7. "E o documento foi uma ajuda para os pais perceberem e verem a importância desta fase"									2								2	1
	4.8. "As Orientações chamam a tenção para muitas coisas, que se calhar, quando eu tirei o curso, nós nunca tínhamos falado"				1													1	1
	4.9. "As Orientações Curriculares também sensibilizaram as educadoras para a mudança"				2													2	1
	4.10. "As Orientações Curriculares também nos abriram muitos horizontes"				1													1	1
	4.11. "Eu posso atingir o mesmo objectivo, mas posso chegar lá de maneira diferente, não ser tão dirigista"				2													2	1
	4.12. "O pensar em fazer o quê, de uma forma mais orientada, não por outra pessoa, mas por um documento"									1		1						2	2
	4.13. "Eu acho que veio responsabilizar as educadoras"									1								1	1
	4.14. "O que muda é a forma como vamos fazer, como vamos abordar os temas, os objectivos que temos"	1																1	1
	4.15. "Um dos grandes aspectos das Orientações Curriculares é darem-nos grande margem de manobra"	1																1	1
	4.16. "As pessoas tiveram que repensar (...) o sistema de avaliação"		2	3	1			1									4	11	7
	4.17. "Em termos da organização e gestão do ambiente educativo, houve alteração, sem dúvida"			1														1	1
	4.18. "As planificações, a maneira de concretizar, de fazê-las, mudou um bocadinho"		3	1				1					1					6	4
	4.19. "Tornou-se mais perceptível para outros níveis de ensino o nosso trabalho"		1															1	1
	4.20. "Em termos do trabalho com as crianças não houve alterações na minha prática"	1	2					2	2				1		1			9	6
	4.21. "Em termos de metodologia, da maneira de estar, não influenciou directamente"		1															1	1
	4.22. "Penso que também me alertou a estar mais sensibilizada para ouvir mais as crianças"									2								2	1
	4.23. "Vieram modificar a linguagem - agora baseamo-nos todos, ou quase todos, na mesma linguagem"			2		1								1				4	3
	4.24. "A educação pré-escolar tinha a imagem de ser algo "para entreter meninos", agora há uma base de trabalho"			1			2		1									4	3
	4.25. "Agora há alguma coisa, que se todos os educadores utilizarem, há uma unidade maior"						1											1	1
4.26. "O documento parece que é sempre novo, que há sempre algo que nós não lemos ainda"						1					1						2	2	
4.27. "Veio só consolidar aquilo que nós fazemos"								1									1	1	
	Total 1 = Número de respostas																		
	Total 2 = Número de entrevistadas																		













ANÁLISE DE CONTEÚDO (Quadro geral de comparação de dados)

Tema	Enunciação / Justificação	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Total 1	Total 2	
SUPERVISÃO E ORIENTAÇÕES CURRICULARES	<b>Supervisão</b>																		
	<b>1. Conceito de supervisão</b>																		
	1.1. "A supervisão consiste em nós estarmos lá, presentes ou não, na prática pedagógica das alunas"	3																3	1
	1.2. "É esclarecer quando fizer falta"	1																1	1
	1.3. "É criticar quando fizer falta, embora construtivamente"	1							1									2	2
	1.4. "Ajudar naquilo que for preciso"	1	1				1											3	3
	1.5. "É uma forma de ajuda mútua/uma partilha"			1			2		3	1								7	4
	1.6. "Para mim, a supervisão é essencialmente orientar"		2						1			1						4	3
	1.7. "E é através de um acompanhamento muito directo"		3															3	1
	1.8. "E a reflexão após a prática"		4							2								6	2
	1.9. "A troca de ideias...isso implica o saber porquê"				1				1									2	2
	1.10. "Tem sempre o papel de nos levar à qualidade"			3														3	1
	1.11. "Leva-nos a reflectir"			2								1						3	2
	1.12. "Leva-nos a avaliar as nossas práticas"			1														1	1
	1.13. "Leva-nos a transformar"			1														1	1
	1.14. "Leva-nos a criar"			1														1	1
	1.15. "Tem quase que um papel regulador"			1														1	1
	1.16. "É uma visão ao nível exterior"			3														3	1
	1.17. "Parece que estamos a fazer uma super-visão e ver tudo ali ao pormenor, ter uma visão grande"					1												1	1
	1.18. "É disponibilizar-me para alguém crescer na minha sala, para alguém aprender"						1											1	1
	1.19. "É dar espaço e apoio"						2											2	1
	1.20. "É sobretudo a disponibilidade"						1											1	1
	1.21. "O crescimento mútuo"						1											1	1
	1.22. "É observar o trabalho das estagiárias"												2					2	1
	1.23. "Verificar o nível em que elas estão"											1						1	1
	1.24. "Sobretudo que seja um ponto de referência para o seu desenvolvimento profissional"													1				1	1
	1.25. "Se tivermos uma atitude de abertura vamos sempre caminhando, estando abertos à informação"			1													1	2	2
	1.26. "E o facto de ouvirmos, de estarmos atentos é importante"			1														1	1
1.27. "Muito profissionalismo naquilo que fazemos"			1														1	1	
	Total 1 = Número de respostas																		
	Total 2 = Número de entrevistadas																		

Tema		ANÁLISE DE CONTEÚDO (Quadro geral de comparação de dados)																	
Enunciação / Justificação		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Total 1	Total 2	
SUPERVISÃO E ORIENTAÇÕES CURRICULARES	<b>Supervisão</b>																		
	<b>2. Atitude da supervisora</b>																		
	2.1. "Dar autonomia às estagiárias"																		
	2.2. "Eu acho que é muito importante uma boa relação entre a educadora e a estagiária"	4											1				2	7	3
	2.3. "Elas nunca fazem uma planificação sem combinarem previamente comigo e discutirmos as coisas"	1																1	1
	2.4. "Só sei que às vezes sinto-me insegura"	1	1															2	2
	2.5. "Eu acho que ainda tenho de aprender e crescer e se tivesse mais experiência proporcionava-lhes um estágio mais rico"					3	1											4	2
	2.6. "Às vezes sinto falta de receber para poder dar"					1	1											2	2
	2.7. "O que mais valorizo é elas terem capacidade de aceitar as nossas observações."					1	1											2	2
	2.8. "Outra coisa que eu também valorizo muito é elas procurarem saber através de nós, questionarem quando têm dúvidas"												1					1	1
	2.9. "Valorizo a relação delas com as crianças"												1					1	1
	2.10. "Com os adultos também é fundamental a relação que se estabelece"		3															3	1
	2.11. "Na relação educadora/estagiárias valorizo a abertura"		1															1	1
	2.12. "Na relação educadora/estagiárias valorizo a confiança"		2				3											5	2
	2.13. "Eu tenho que saber dar e saber receber para que as alunas se sintam à vontade comigo para colocarem dúvidas"		1															1	1
	2.14. "Sinto-me segura naquilo que espero das alunas para as crianças"		1															1	1
	2.15. "Sou muito clara e digo-lhes sempre que primeiro está o bem estar das crianças"		2															2	1
	2.16. "É importante a reflexão com elas"		2															2	1
	2.17. "Sinto-me segura na partilha, na troca de conhecimentos, gosto muito"						1	1	1							2		5	4
	2.18. "Sinto que não sei se estou a fazer bem, se não deveria continuar a apoiar mais..."								1									1	1
	2.19. "Com o surgimento das Orientações mudou a linguagem na prática de supervisora - essencialmente foi isso"							2										2	1
	2.20. "Eu acho que o bom que se tem em receber estagiárias é estar em constante actualização"		2															2	1
	2.21. "As educadoras antes de serem cooperantes deveriam ter algum apoio, alguma formação que lhes desse maior à vontade"						1											1	1
	2.22. "Estamos numa partilha de conhecimentos"						1											1	1
	2.23. "Eu procuro sempre que elas aprendam alguma coisa comigo"	1			1				2									4	3
	2.24. "Procurarei sempre agir numa perspectiva de ajuda, de apoio, para que elas construam a sua caminhada com gosto"													2	1			3	2
	2.25. "Uma coisa que eu admirei muito nelas, foi o saber estar no lugar que ocupavam e a responsabilidade e respeito pelo outro"															1		1	1
	2.26. "Eu gosto de fazer sentir às pessoas que trabalhamos para o mesmo fim"					2												2	1
	2.27. "Não sou capaz de me julgar dona da sala"					1												1	1
2.28. "Sou capaz de dar um conselho"					1												1	1	
Total 1 = Número de respostas																			
Total 2 = Número de entrevistadas																			







**ANÁLISE DE CONTEÚDO ( Quadro geral de comparação de dados)**

Enunciação / Justificação		1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Total 1	Total 2	
Tema	<b>5. O papel da educadora cooperante</b>																		
	5.1. "Eu tentava alertá-las, chamá-las à atenção e que elas compreendessem o porquê, de ter em conta todas as crianças"	1																1	1
	5.2. "Muitas vezes quando elas nos pediam ajuda nós dávamos sugestões"	2															2	4	2
	5.3. "Eu estou ali para ajudá-las"	1	1								4		1					7	4
	5.4. "Para as orientar"		1	2							2							5	3
	5.5. "Para as acompanhar"		2	2										1				5	3
	5.6. "Acho que todos os momentos são importantes para observação"	1						2										3	2
	5.7. "Acho que sou franca com elas. Não deixo de lhes dizer aquilo que sinto"			2					1									3	2
	5.8. "Também não tenho medo de mostrar que ninguém sabe tudo"			1														1	1
	5.9. "Mas acho que tenho um papel de abertura com elas"			1														1	1
	5.10. "Temos que estar atentos, porque os meninos não são cobaias"			1														1	1
	5.11. "Se eu não tive presente para fazer uma crítica construtiva, então prefiro que sejam elas a fazer a reflexão"			1														1	1
	5.12. "A minha ajuda foi no sentido de ligar a teoria à prática"				2													2	1
	5.13. "Também lhes lembrei o relacionamento com os pais, a forma de dizer as coisas"				1													1	1
	5.14. "Mas disse-lhes sempre que o nosso trabalho é muito bonito"				1													1	1
	5.15. "A maneira como se fala, como se faz, como se conta as coisas... Sempre falei com elas sobre estes aspectos"				1												2	3	3
	5.16. "Quando tinha que chamar a atenção custava-me, tinha sempre cuidado, para elas se sentirem à vontade e virem com alegria"				1													1	1
	5.17. "E depois saberem avaliar/reflectir se tinha corrido bem ou mal"				2	2			4			1						9	4
	5.18. "Fazê-las 'lembrar' que não esquecessem aquele documento"				1													1	1
	5.19. "No aspecto das planificações não tive um papel muito activo, salvo no início"						4											4	1
	5.20. "Também acho que elas devem tentar crescer sózinhas, criar asas, dar-lhes espaço"						1		1						1	2		5	4
	5.21. "Também tento sempre apoiar, e nesse aspecto sinto-me segura, porque acho que lhes dou o apoio que elas precisam"						1				2							3	2
	5.22. "Eu faço uma partilha"					1		2										3	2
	5.23. "Elas mostram-me os conhecimentos que adquiriram, que investigaram e eu vejo se estão a trabalhar adequadamente"							1										1	1
	5.24. "Vejo se houve empenhamento"							1										1	1
	5.25. "Vejo se houve pesquisa"							1										1	1
Total 1 = Número de respostas																			
Total 2 = Número de entrevistadas																			





## ANÁLISE DE CONTEÚDO (Quadro geral de comparação de dados)

Tema	Enunciação / Justificação	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Total 1	Total 2	
SUPERVISÃO E ORIENTAÇÕES CURRICULARES	<b>As Orientações Curriculares na Supervisão</b>																		
	<b>1. Importância atribuída</b>																		
	1.1. "A pessoa acaba sempre por agarrar nas Orientações e tentar ver o que é que está bem e o que poderia estar melhor"	3																3	1
	1.2. "Isso já está tão interiorizado que quando dou uma opinião, sugiro uma actividade eu sei que vai lá tudo dar"	3									1							4	2
	1.3. "Convidei-as para a reunião de pais e facultei-lhes o projecto de sala e de instituição e elas vêem a importância atribuída"		1															1	1
	1.4. "As Orientações Curriculares são uma referência, são o ponto de partida"		1	2			1	1				1	2					8	6
	1.5. "A partir do momento em que surgiram as Orientações Curriculares acho que a linguagem passou a ser a mesma"	2	1		1							1						5	4
	1.6. "É muito mais fácil eu entender-me com elas em termos de planificação e em termos do que se quer"	2																2	1
	1.7. "E acho que até em riqueza de planificação... Fazem planificações muito mais completas"	1																1	1
	1.8. "Mesmo as dúvidas que surgem, nós conseguimos percebê-las melhor"	1																1	1
	1.9. "É muito mais fácil a comunicação entre os intervenientes no processo de supervisão e neste momento isso já acontece"	1	1															2	2
	1.10. "Não restam dúvidas que foi fundamental a todos os níveis"	3																3	1
	1.11. "O documento é um bom suporte, não só para elas, mas para nós também"			1								2						3	2
	1.12. "Estes dois últimos anos foram importantes, em termos de outra linguagem que surgiu"			1														1	1
	1.13. "Quando planeávamos tínhamos em conta as Orientações Curriculares e elas até percebiam que era fácil 'encaixar' as coisas"				1													1	1
	1.14. "E que temos de gostar muito daquilo que fazemos"				1													1	1
	1.15. "Não consigo perceber a Educação Pré-Escolar sem Orientações Curriculares, talvez porque isso tem a ver com a minha formação"						1											1	1
	1.16. "Antigamente não reflectíamos muito, agora há logo uma reflexão sobre o que pensamos fazer, e o que se fez"							1	2									3	2
	1.17. "Eu acho que foram as Orientações que me alertaram para a importância de reflectirmos sempre sobre o que fazemos"							1										1	1
	1.18. "Acho que é um documento muito válido para as estagiárias se orientarem"								2									2	1
	1.19. "Penso que deveria ser obrigatório o acesso ao documento"								1									1	1
	1.20. "Eu acho que quando elas saírem para a vida profissional têm que saber"								1									1	1
	1.21. "As estagiárias têm que fazer o estágio, mas para nós também é bom - são ideias novas, são inovações que podem trazer"								1									1	1
	1.22. "Eu não refiro sempre as Orientações Curriculares, mas elas percebem que nós falamos de uma forma globalizante"								3									3	1
	1.23. "Alertá-las para a existência das Orientações e para o facto deste documento constituir uma mais valia para todos nós"								1									1	1
	1.24. "E de constituir uma ajuda para quando se sentirem perdidas"								1									1	1
	1.25. "Acho que há muitas coisas nas Orientações Curriculares que eu valorizo"								1									1	1
	1.26. "Elas sempre servem para ter a consciência (da ligação teoria/prática), o que já é muito bom"								1									1	1
	1.27. "Elas servem para a pessoa ver onde é que está a falhar"								1									1	1
1.28. "E onde é que deve investir"								1									1	1	
Total 1 = Número de respostas																			
Total 2 = Número de entrevistadas																			

ANÁLISE DE CONTEÚDO (Quadro geral de comparação de dados)

Tema	Enunciação / Justificação	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	Total 1	Total 2		
SUPERVISÃO E ORIENTAÇÕES CURRICULARES	<b>As Orientações Curriculares na Supervisão</b>																			
	<b>1. Importância atribuída (Continuação)</b>																			
	1.29. "Acho que ficariam esteticamente enriquecidas se tivessem ilustrações"									1								1	1	
	1.30. "Acho que as Orientações Curriculares lhes facilitaram imenso a planificação da prática pedagógica"									1								1	1	
	1.31. "Acho que o facto de existir um suporte dá segurança à educadora cooperante"																			
	1.32. "Não houve alterações na supervisão por influência das Orientações Curriculares"													1				1	1	
	1.33. "Nada, não mudou nada na minha prática de supervisora"														1			1	1	
	1.34. "A não ser, talvez, ao nível da avaliação e da reflexão"														1			1	1	
	1.35. "Acho que as Orientações Curriculares mudaram a atitude das estagiárias, pois deram uma grande abertura"														1			1	1	
	1.36. "Talvez tenha sido mais fácil, para mim, perceber o que é que se pretendia no estágio"														1			1	1	
	1.37. "Eu costumo trabalhar segundo as áreas das Orientações Curriculares e todos os dias procuro trabalhar todas as áreas"														2			2	1	
	1.38. "Com as Orientações Curriculares eu percebi que afinal não estava muito longe daquilo que se deveria fazer e que era bom que se fizesse"															1		1	1	
	1.39. "Para elas é um meio de consulta"											1						1	1	
	1.40. "Antes das Orientações Curriculares não se valorizava tanto o processo de aprendizagem"											1						1	1	
	1.41. "Antes era mais o aspecto do resultado, ou seja, em vez de se valorizar o processo havia o produto final"																5	5	1	
1.42. "Ou que aspectos poderiam desenvolver com os projectos que desenvolviam"																1	1	1		
1.43. "Agora há muita preocupação com os conteúdos"																1	1	1		
1.44. "A prática talvez não se tenha alterado tanto, tanto"																1	1	1		
1.45. "Mas sim a concepção e a forma de entender a supervisão e as alunas"																1	1	1		
Total 1 = Número de respostas																				
Total 2 = Número de entrevistadas																				



